



Departamento de Antropologia/Museu Nacional/ UFRJ

MEMORIAL

Memorial apresentado como parte dos requisitos para a promoção à Classe E – Professor Titular – no Setor de Antropologia Biológica, Departamento de Antropologia, Museu Nacional/UFRJ, de acordo com o determinado pela Portaria n. 622, de 28/01/2015 da Direção do Museu Nacional, publicada no Boletim da UFRJ em 05/02/2015, nos termos da Resolução n. 08/2014/CONSUNI/UFRJ.

RICARDO VENTURA SANTOS

Matrícula SIAPE: 1124221

Matrícula UFRJ: 0103737

Rio de Janeiro, 31 de outubro de 2016

Aproximadamente na mesma época em que comecei a redigir este memorial, em março de 2016, eu estava envolvido na preparação de um texto sobre a história e antropologia da genética de populações no Brasil para ser apresentado no seminário *Racial Conceptions in the Twentieth-Century: Comparisons, Connections and Circulations in the Portuguese-speaking Global South*”, realizado no Rio de Janeiro em abril de 2016.¹ Um dos argumentos que a historiadora da ciência Rosanna Dent (*University of Pennsylvania*) e eu procuramos desenvolver então é que as interpretações dos geneticistas nos anos 1960-70 sobre o processo de formação (biológica) da população brasileira foram, em larga medida, influenciadas pelos escritos de destacados “intérpretes do Brasil”, como Gilberto Freyre (Dent & Santos 2016a).

Foi nesse contexto que li *Gilberto Freyre: Social Theory in the Tropics*, de Peter Burke e Maria Lucia Pallares-Burke (2008). Nesse e em outros livros, com destaque para *Gilberto Freyre: Um Vitoriano nos Trópicos* (Pallares-Burke 2005), os dois autores apresentam análises e interpretações que se basearam, entre outras fontes, em um profundo mergulho na biblioteca pessoal de Freyre em Apipucos, Recife. Com base em marcas físicas nos livros feitas por Freyre, incluindo anotações nas margens, partes sublinhadas e páginas dobradas [(“to the despair of librarians and the delight of his biographers”)], Burke & Pallares-Burke (2008: 20) buscaram recuperar ideias e autores que influenciaram o sociólogo pernambucano. Em algumas ocasiões, as marcas físicas das memórias freyreanas eram mais sutis, mas não menos reveladoras: “When a pencil or pen was not within reach, he [Gilberto Freyre] not infrequently scored passages with his fingernail...” (Burke & Pallares-Burke 2008: 20).

Memorial é, como o próprio nome sinaliza, um exercício de registrar memórias. No momento em que li as passagens acima referidas fiquei pensando nas “marcas físicas” de minhas recordações que teria que recuperar e sistematizar para a escrita deste documento. Algumas seriam mais óbvias e evidentes, como trabalhos publicados, participação em seminários e palestras, financiamentos obtidos, orientações de alunos e assim por diante. E quanto ao equivalente às “marcas de unha” ao longo de minha trajetória? Não menos significativas, certamente se apresentam mais dispersas, não tão

¹ Ao longo deste memorial optei por manter as transcrições, títulos dos eventos, designação de periódicos e nomes das instituições na língua original. Esse evento foi organizado por Warwick Anderson (*University of Sydney*, Austrália), Ricardo Roque (Universidade de Lisboa) e Ricardo Ventura Santos.

evidentes a princípio, mas de todo modo fundamentais para compor a narrativa deste documento.²

Nasci em agosto de 1964 em Teresina, no Piauí, quarto de uma família de cinco irmãos, acrescida de uma irmã, nascida no segundo casamento de meu pai. Por falar em livros como registro de memórias não do autor, mas do leitor, uma lembrança que tenho da minha infância é, justamente, o de “apagar” memórias registradas em livros. Uma vez que os livros escolares muitas vezes passavam de um para outro irmão, era-nos dito para escrever sempre a lápis, e com pouca força, de modo a ficar mais fácil apagar, no fim do ano, antes de os mesmos serem “herdados” por um mais novo...

Mudamo-nos para Brasília no fim dos anos 1960. Tanto meu pai como minha mãe se formaram em medicina: Francisco de Assis, patologista (já falecido); Maria Lúcia, pediatra. Minha mãe havia estado em Brasília em 1969 para participar de um congresso de pediatria e achou que aquela cidade recém-construída, de muita terra vermelha exposta, poderia ser um bom lugar para criar seus filhos.³ Nascidos nos anos 1930, ambos no Nordeste, meus pais foram de uma geração que (algo que sempre me pareceu surpreendente, considerando a situação socioeconômica de então naquela região) experimentou significativa ascensão social via educação. Eram de famílias pobres (e

² Realizei vários arranjos sobre a forma de organizar este memorial. Por fim, optei por subdividir o texto em blocos temáticos que, como os leitores terão oportunidade de notar, nem sempre se mostram homogêneos ou dispostos em uma sequência cronologicamente definida.

³ Só muito recentemente soube por minha mãe as razões mais específicas que nos levaram a mudar para Brasília. Por ocasião da escrita de um trabalho sobre a história das pesquisas acerca da diversidade biológica humana no Brasil (Santos et al. 2014a), comentei com ela que tinha lido um artigo de um grupo de geneticistas (Krieger et al. 1965) que havia realizado pesquisas sobre populações nordestinas nos anos 1960, com foco em doenças congênitas na infância. Achei absolutamente inusitado, mas certamente compreensível à luz das práticas de cuidado com a criança na época, que a metodologia utilizada pelos cientistas para verificar se os pais sabiam ler tenha envolvido a leitura de instruções de como preparar leite em pó (“Literacy of parents was determined by presenting husband and wife separately with a card containing simple directions for preparing the powdered milk given to each participant family” – p. 115). Como minha mãe trabalhava como pediatra nos anos 1960 em Teresina, perguntei a ela quão disseminado era o uso de leite em pó, em contraponto ao aleitamento materno. Foi nesse contexto que ela comentou que sua primeira visita à Brasília aconteceu em 1969 a convite da (e custeada pela) Nestlé, para participar de um congresso de pediatria. Foi nessa ocasião que ela decidiu convencer meu pai a nos mudarmos para a capital federal.

minha mãe principalmente), mas quase todos os meus tios e tias (por volta de duas dezenas), vários dos quais ainda hoje vivos, na casa dos 90 anos, concluíram cursos universitários, muitos em carreiras percebidas como prestigiosas, como engenharia e medicina.

Em larga medida, nosso ambiente familiar em Brasília nos anos 1970 ecoava a intensa valorização da educação que havia permeado a trajetória de vida de meus pais décadas antes. Nos quase vinte anos que vivi em Brasília, fiz ensino primário e secundário em uma única escola (Colégio Marista), onde estudavam filhos e filhas da elite política residente na capital federal. Pensando sobre aquele período, lembro que pouco ouvíamos falar sobre a repressão política promovida pela ditadura nos sombrios anos 1970. Não que ela estivesse distante, pelo contrário. A neta do General Emilio Garrastazu Médici era coleguinha do mesmo ano na escola e brincávamos chamando-a de “garrafa azul”... Uma vez minha mãe nos chamou a atenção, dizendo que não se devia fazer aquele tipo de gracejo com alguém ligado a uma autoridade tão importante. Eram sem dúvida receios que emanavam de um ambiente politicamente repressivo.

Meus pais não comentavam na ocasião, mas anos depois soube que primos do lado paterno, médicos em São Paulo, haviam sido presos pela ditadura. Meus irmãos (o mais velho nascido em 1959) e eu talvez fôssemos muito novos para ter amigos, da mesma geração, perseguidos politicamente. Mas na adolescência os ecos da repressão chegaram mais próximos. O primogênito, Paulo, ingressou em 1976 na Universidade de Brasília (UnB), onde logo depois (em 1977) ocorreu uma intensa greve que resultou na invasão do campus pela polícia. Participante de um grupo de teatro no 2º Grau (como se chamava então o atual Ensino Médio), nossas (ingênuas) criações coletivas precisavam ser enviadas para aprovação pela censura federal. Orgulhosamente, lembro que tivemos alguns trechos censurados (nada muito político, mas acerca de sexo na adolescência).

Com ambos os pais médicos, havia alguma pressão, mais por parte de meu pai, mesmo que não muito intensa ou explícita, para eu me inscrever em medicina, uma vez que estava interessado na área das ciências biológicas. Mais de uma vez minha mãe mencionou que havia cursado medicina, mas que seu sonho de adolescência era filosofia, opção impensável, segundo ela, em uma família tão pobre como era a sua. Em uma ocasião, tendo saído com meu pai, ele teve que passar pelo hospital antes de voltarmos para casa. Eu devia ter uns 9 ou 10 anos, e ele me deixou em seu consultório. Em dado momento, me deu vontade de ir ao banheiro e lá fui eu pelo corredor. Através de uma

porta entreaberta vi meu pai conversando com outro médico ao lado de dois cadáveres abertos para uma necropsia. Sempre que ele chegava em casa, no fim da tarde, eu ficava pensando em como teria sido o dia dele no hospital. De certo modo uma ironia, pois anatomia foi um dos temas que precisei, anos depois, cursar no doutorado em antropologia física/biológica.

Ingressei na graduação em ciências biológicas na UnB em 1983, e já no segundo semestre do curso me envolvi em atividades de pesquisa. No início de 1984 iniciei um estágio no Núcleo de Medicina Tropical e Nutrição da UnB, com ênfase em parasitologia e microbiologia, orientado pelo Prof. Ronan Tanus e, sobretudo, por Carlos Coimbra Jr., então recém-graduado em ciências biológicas na UnB. Desde 1977, Carlos realizava pesquisas em saúde e ecologia humana com populações indígenas em Rondônia (Suruí).

Os projetos de colonização em Rondônia estavam a todo vapor nos anos 1980, com intensas levas migratórias e enormes conflitos envolvendo os povos indígenas, especialmente devido a questões fundiárias. Até hoje me recordo vivamente da minha primeira viagem para a região, que aconteceu de ônibus entre Cuiabá e Ji-Paraná. Além das grandes quantidades de caminhões e ônibus repletos de colonos atolados nos areais na região da Serra dos Parecis, na divisa entre Rondônia e Mato Grosso, via-se muita fumaça e, mesmo sob um calor de 40 graus, passageiros com calafrios devido à malária. Em primeira mão e de forma vívida, se descortinava diante de mim mais um capítulo do processo de expansão das frentes demográficas e econômicas em direção ao noroeste do país. Exposto a tal situação, nessa época travei contato com livros sobre a ocupação da região e os povos indígenas, como *Rondonia*, de Edgard Roquette-Pinto, *Tristes Trópicos*, de Claude Lévi-Strauss, *Vítimas do Milagre*, de Shelton Davis, e *Os Índios do Brasil*, de Júlio Cezar Melatti, entre outros.

Em 1986-1987, na fase final da graduação, trabalhar com pesquisa sobre saúde de populações indígenas na Amazônia já se delineava de forma razoavelmente bem definida no meu horizonte pessoal e profissional. Aproveitando a flexibilidade da grade curricular da UnB, nos últimos dois anos do curso optei por fazer disciplinas de introdução às ciências sociais nos departamentos de antropologia e sociologia, uma das quais com Luís Roberto Cardoso de Oliveira. Meu trabalho final na disciplina por ele ministrada foi um

resumo crítico do livro *Do Índio ao Bugre: O Processo de Assimilação dos Terêna*, de Roberto Cardoso de Oliveira.

Uma experiência no fim de 1986, início de 1987 iria definir de forma marcante os rumos de minha vida nos próximos anos (e nas décadas seguintes, chegando até os dias de hoje). Na época, Carlos estava cursando o doutorado em antropologia na *Indiana University* (IU), no campus de Bloomington, nos EUA. De férias na UnB, fui visitá-lo, inclusive para conhecer Labiaui, seu filho mais novo lá nascido, e meu afilhado. Em Bloomington, tive a possibilidade de interagir com o antropólogo Emilio Moran. Ex-aluno de doutorado de Charles Wagley na *University of Florida*, ele era na época um dos mais influentes antropólogos estrangeiros que estudavam processos de colonização na Amazônia. Moran era chefe do Departamento de Antropologia e, por seu incentivo, concorri e me foi oferecida uma bolsa para cursar o doutorado na instituição.

Nos três meses que fiquei no EUA tive também a grata oportunidade de interagir com o antropólogo José Carlos Rodrigues (professor da Universidade Federal Fluminense e da Pontifícia Universidade Católica, no Rio de Janeiro), que estava realizando pós-doutorado em Bloomington. Já tinha a oferta de uma bolsa de doutorado, mas de todo modo fiz um pedido ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que pagava um pouco a mais e não demandava lecionar durante o curso. Uma carta de recomendação de José Carlos foi fundamental para dar respaldo ao pedido de bolsa de doutorado encaminhado ao Programa de Ciências Humanas e Sociais do CNPq, eu tendo sido possivelmente o primeiro bolsista da área de antropologia biológica a ser apoiado por aquela instituição de fomento. Após receber a carta de confirmação da bolsa, fui ao CNPq em Brasília para tirar alguma dúvida sobre a implementação. Ao perceber que eu não tinha mestrado e não era formado em ciências sociais, o técnico da área de antropologia disse, para o meu desespero, que devia haver algum erro no processo de aprovação da bolsa e que esta seria cancelada. Demorou algum tempo para a confusão ser resolvida, mas felizmente o desfecho foi positivo no sentido da manutenção da bolsa.⁴

⁴ Refletindo os anos finais do regime militar, o período de 1983 a 1987, quando fui aluno de graduação na UnB, foi marcado pela ocorrência de greves em quase todos os semestres, o que atrasou minha conclusão da graduação. Em larga medida, as greves decorriam da oposição entre alunos, funcionários e docentes, por um lado, e o reitor (físico e militar) José Carlos de Almeida Azevedo, por outro. Os sucessivos atrasos quase comprometeram a possibilidade de iniciar o doutorado na *Indiana University*.

O período de minha vida em que cursei o doutorado, de 1987 a 1991, foi um absoluto divisor de águas na minha formação pessoal e intelectual. Claro, aos 23 anos, havia o regozijo de ter saído de casa e estar me sustentando pelos meus próprios meios e fazendo algo que me estimulava muito. No âmbito profissional, por um lado, eu experimentava o estranhamento de frequentar uma instituição de ensino estrangeira, ainda mais em uma área do conhecimento na qual não tinha formação prévia. Eram muitas novidades a cada dia. Por outro, foi um momento que, percebo olhando retrospectivamente, foi de síntese, pois permitiu “colocar em ordem” diversas experiências de pesquisa de campo que havia iniciado em Rondônia nos anos de graduação.

No programa de doutorado, estava ligado ao subcampo (*subfield*, como era chamado) da antropologia biológica, cuja grade curricular envolvia diversas disciplinas nas áreas de estatística, genética, osteologia, antropometria, crescimento e desenvolvimento físico e evolução humana, entre outras. Tinha que cursar também disciplinas em outros subcampos da antropologia, tendo optado pela antropologia social (quando fiz disciplinas de “Introdução à Antropologia Social” e de “Antropologia Ecológica”, dentre outras) e arqueologia (incluindo “Arqueologia da América do Sul”). Havia também o requisito de ter um chamado *outside minor* (especialização em programa externo), que no meu caso foi em demografia social.

A experiência intelectual em Bloomington foi rica e desafiadora, com grande espaço para interlocução com outros pesquisadores cujos interesses estavam também voltados para a região amazônica. Desde 1985, conforme já mencionei, Carlos era doutorando no mesmo programa, na área da antropologia médica. Sua tese abordou os Suruí de Rondônia, de modo que atuei como seu auxiliar de campo em pelo menos dois períodos de pesquisa. Quanto aos professores no programa, além de Emilio Moran, Anthony Seeger, que antes de seu retorno aos EUA para trabalhar na IU havia sido professor no Museu Nacional, ainda circulava em Bloomington, mas já estava se deslocando para o *Smithsonian Institution*, em Washington, DC. Quando eu estava no meio do doutorado, o arqueólogo Eduardo Neves, hoje no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), ingressou na IU, onde desenvolveu tese na região do Alto Rio Negro. Nas conversas com Eduardo sobre etno-história,

etnologia e arqueologia rio-negrina, eu me dava conta de quão pouco se sabia sobre a história e etnologia dos povos Tupí-Mondé de Rondônia, em comparação aos do Alto Rio Negro. Eduardo e eu falávamos muito também sobre os rumos das áreas nas quais estávamos nos especializando na Amazônia e no Brasil. Havia também em Bloomington diversos alunos de doutorado de Emilio Moran e Anthony Seeger que desenvolviam pesquisas na Amazônia.

Minha tese de doutorado, intitulada *Coping with Change in Native Amazonia: A Bioanthropological Study of the Gavião, Suruí and Zoró, Tupí-Mondé Speaking Societies from Brazil*, foi um estudo comparativo de três populações indígenas Tupí-Mondé em uma perspectiva bioantropológica (Santos 1991). O ponto central da investigação foi o impacto das transformações socioeconômicas e demográficas sobre um conjunto de variáveis demográficas e nutricionais. Meu orientador principal foi Paul Jamison, bioantropólogo cujas investigações estavam voltadas para populações Inuit no Alasca e na região do Ártico.⁵ Ao mesmo tempo, também contava com um acompanhamento próximo de Emilio Moran, sempre muito interessado na minha pesquisa de doutorado.

Durante o doutorado travei contato com um pesquisador norte-americano da área de bioantropologia com quem estabeleci uma relação que veio a ser fundamental no desenvolvimento de minha carreira. Estou me referindo a Alan Goodman, professor no *Hampshire College*, em Massachusetts, e que, mais recentemente (2005-2007), foi presidente da *American Anthropological Association*. Nos anos 1980 e 1990 Goodman publicou uma série de influentes trabalhos sobre os chamados defeitos do esmalte dentário (DED), com destaque para as hipoplasias. Dito de forma bastante breve e geral,

⁵ Paul Jamison era pouco familiarizado com a temática amazônica, mas sempre foi um leitor extremamente atento, crítico e construtivo dos capítulos de minha tese. Através da interação com ele, li sistematicamente sobre as pesquisas bioantropológicas que haviam sido realizadas nos anos 1960 e 70 no âmbito do *International Biological Program* (IBP) em diversas partes do mundo. Jamison, além de Robert Meier, outro bioantropólogo da IU que participou de meu comitê de doutorado, haviam iniciado suas carreiras em pesquisas do IBP, que também tiveram braços na América do Sul, incluindo os estudos Yanomami conduzidos pelos geneticistas James Neel e Francisco Salzano. Anos depois de terminado o doutorado, escrevi, em uma perspectiva histórica e antropológica, sobre o IBP no Brasil (Santos 2002; Santos et al. 2014a), trabalho para o qual foi muito importante o contato com essa literatura em Bloomington, que se deu primeiramente por intermédio de Jamison e Meier.

o esmalte dentário dos dentes permanentes se forma nos primeiros anos de vida dos indivíduos, e episódios de doença e outros estresses podem afetar sua produção, reduzindo sua espessura. São, portanto, registros de episódios de ruptura fisiológica do organismo temporalmente demarcados.

Como parte de minha pesquisa de doutorado, decidi incluir um componente de análise de DED, investigando se, no caso das populações Tupí-Mondé, os indivíduos que tiveram sua dentição permanente formada nas décadas do contato, quando aconteceram massivas epidemias, ruptura das bases de subsistência e elevada mortalidade, apresentariam maior frequência de DED. Interessado em aprender as técnicas que Goodman havia desenvolvido e aplicado em pesquisas na América Central e no norte da África, fiz um contato com ele em 1989, tendo como resposta um imediato convite para passar alguns dias no *Hampshire College*. Esse componente de minha tese de doutorado resultou em um trabalho publicado no *American Journal of Physical Anthropology* (Santos & Coimbra Jr. 1999), um dos primeiros dedicados à investigação de DED em populações contemporâneas.

Ao longo dos anos seguintes, os caminhos de Goodman e os meus se inter cruzariam várias vezes. Em 1992, fui convidado por ele e Thomas Leatherman (então na *University of South Carolina*) a participar de uma conferência da *Wenner Gren Foundation* intitulada *Political-Economic Perspectives in Biological Anthropology: Building a Biocultural Synthesis*. O evento aconteceu no México e reuniu antropólogos (arqueólogos, bioantropólogos e antropólogos sociais), além de sociólogos e historiadores. Do grupo de bioantropólogos, boa parte era oriunda da *University of Massachusetts*, vários dos quais alunos (incluindo Goodman) de George Armelagos, um dos mais importantes bioarqueólogos norte-americanos, ou de Brooke Thomas, cujo trabalho, inicialmente conduzido no âmbito do *International Biological Program* (IBP), abordou a adaptabilidade biológica humana nos Andes peruanos. Ainda que tivessem amplos interesses na área de antropologia biológica, os pesquisadores participantes voltavam-se particularmente para as influências históricas e sociopolíticas sobre a biologia humana.

Conforme sinalizaram Goodman e Leatherman, o objetivo principal da conferência foi “to consider fresh, new approaches in which human biologies are understood in broader historical, political-economic, ideological, and sociocultural contexts... framing biological studies in an analysis of history and large-scale political-

economic processes illuminates the contexts and processes by which biological suffering and adaptation occur” (1998: 5-6). Durante o encontro, o livro *Europe and the People Without History*, de Eric Wolf (1992), se mostrou uma referência teórica central, constantemente trazida à tona por antropólogos como William Roseberry, Arturo Escobar e a própria Sydel Silverman, presidente da *Wenner Gren*, além de esposa e parceira intelectual de Wolf. Na ocasião, apresentei um trabalho que abordava os principais achados e argumentos de minha tese de doutorado sobre os Tupí-Mondé, que veio a ser posteriormente publicado com o título *On the (un)natural history of the Tupí-Mondé Indians: bioanthropology and change in the Brazilian Amazon* (Santos & Coimbra Jr. 1998). Se a orientação da antropologia biológica em Bloomington era de uma vertente mais “tradicional”, no contexto dessa conferência da *Wenner Gren* senti que a linha de pesquisa que estava seguindo, menos adaptacionista e mais crítica acerca de determinantes históricos e sociopolíticos, se alinhava com influentes tendências emergentes no campo da bioantropologia.

Foi também em 1992 que, após defender minha tese de doutorado em Bloomington em dezembro de 1991, retornei ao Brasil. Carlos havia concluído a pós-graduação em Bloomington em 1989 e desde então estava ligado à Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ), como pesquisador visitante. Nessa época, a ENSP estava atraindo doutores, por meio de um convênio com o CNPq, para reorganizar seu programa de pós-graduação em saúde pública.

Na ENSP, além de atividades de docência e orientação, foi-me designada a tarefa de coordenar executivamente o chamado Programa *Fieldlinks* (*Field Links for Intervention and Control Studies*). Tratava-se de uma iniciativa do *Tropical Disease Research Program* (TDR) da Organização Mundial da Saúde, que, em andamento em diversas regiões do mundo, visava estimular pesquisas de campo acerca de doenças endêmicas, inclusive na perspectiva das ciências sociais. Para um antropólogo interessado no campo da saúde e recém-chegado no Brasil, a participação no *Fiedlinks*, sob a supervisão de Frederico Simões Barbosa, ex-diretor da ENSP e um dos mais importantes e reconhecidos sanitaristas e epidemiologistas do país, foi um mergulho em uma realidade completamente nova. Além de viajar por todo o Brasil visitando grupos de pesquisa e

apresentando as diretrizes do programa, minhas tarefas incluíam a organização de seminários voltados para a discussão das investigações em andamento. Através dessas atividades, foi-me possível conhecer parte expressiva dos grupos de pesquisa que trabalhavam nas temáticas de interesse do programa, além de aprender bastante sobre o cenário da saúde pública no país.

Ao olhar retrospectivamente, vejo como a primeira metade da década de 1990 foi central na definição dos rumos da minha vida profissional. Além de estar efetivamente iniciando minha carreira profissional no Brasil, eu estava residindo em uma cidade, o Rio de Janeiro, onde tinha poucas ligações profissionais prévias.

Na época, um evento marcante foi a realização do concurso para professor adjunto no Departamento de Antropologia do Museu Nacional. Já escrevi sobre as circunstâncias que me levaram à inscrição nesse concurso (Santos 2011). Poucos meses depois de chegado ao Rio, voltava para casa e, ao descer em uma parada de ônibus, me defrontei com um exemplar do jornal *Folha Dirigida*, que estampava a chamada de concurso para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em sua primeira página. Comprei um exemplar e, ao abri-lo em casa, não foi sem surpresa que vi a indicação de uma vaga especificamente nomeada como “antropologia biológica”.

Fiz minha inscrição no concurso e, pouco conhecendo o contexto institucional do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, inclusive os demais candidatos inscritos, busquei me preparar o máximo possível nos meses seguintes. A necessidade de revalidar o diploma de doutorado obtido no exterior foi uma burocracia que se impôs, e para suplantá-la contei com toda a atenção e apoio de Marília Facó Soares e Antonio Carlos de Souza Lima.

O programa do concurso era uma curiosa combinação de temas que, a princípio, ao menos pensava eu, não se aproximavam muito do perfil da antropologia física que havia sido praticada no Museu Nacional nas décadas anteriores, tendo à frente Marília de Mello e Alvim. O trabalho de Alvim se desenvolvia sobretudo na interface entre antropologia física e arqueologia, envolvendo análises osteológicas e osteométricas de amostras de remanescentes ósseos de sítios do litoral (sambaquis) e do interior do Brasil (com destaque para os Botocudos e materiais de Lagoa Santa). Poucas semanas antes do

concurso percebi que alguns itens do programa eram, com poucas variações, muito próximos daqueles listados no sumário do livro *Populações Brasileiras: Aspectos Demográficos, Genéticos e Antropológicos*, publicado pelos geneticistas Francisco M. Salzano e Newton Freire-Maia (Salzano & Freire-Maia 1967). Li e reli o livro várias vezes na ocasião, a ponto de ter se tornado um tópico de pesquisa para mim anos depois (Dent & Santos 2016a).

Quanto à banca, os membros internos foram Marília de Mello e Alvim, Luiz de Castro Faria e Maria Beltrão; como externos, Francisco Mauro Salzano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e Aduino Araújo, da FIOCRUZ. Além de temas mais gerais na área de antropologia biológica, minha preparação para o concurso envolveu a leitura de textos antropológicos e históricos de modo a contemplar o último item do concurso (“10. Pesquisas de antropologia biológica no Brasil”). Foi nesse contexto que tomei contato com escritos de Luiz de Castro-Faria, em particular seu artigo *Pesquisas de antropologia física no Brasil* (Castro-Faria 1952). Posteriormente, como responsável e curador das coleções do Setor de Antropologia Biológica do Museu Nacional (SABMN), essa foi uma referência que se tornou fundamental nas minhas atividades no Museu.

Uma memória persistente que tenho desse período não é a do concurso propriamente, mas a de um momento na Reitoria da UFRJ. Além de mim, havia dois outros professores do Departamento de Antropologia tomando posse, como titulares. Conforme escrevi alguns anos atrás, “Até hoje me recordo bem do momento da posse. Assumindo cargos de professores titulares no Departamento de Antropologia na Reitoria, lá estavam Gilberto Velho e Otávio Velho. Tendo cursado biologia e, em seguida, estudado antropologia no exterior, eu era um completo neófito em relação à antropologia brasileira. Isso a ponto de, naquele momento de posse, ter perguntado qual deles era Gilberto e qual era Otávio!” (Santos 2011: 14).

Meus primeiros tempos como professor no Departamento de Antropologia foram, sobretudo, dedicados a procurar compreender o cenário das relações sociopolíticas internas e os rumos a definir para o SABMN. Estava assumindo as rédeas de todo um setor com vastas coleções, mas sem uma efetiva transição desde um pesquisador com

maior senioridade. Marília de Mello e Alvim havia se aposentado anos antes e pouco frequentava a instituição (as únicas ocasiões em que a encontrei foram durante os dias do concurso). Ademais, minha especialidade no campo da antropologia biológica não envolvia diretamente trabalhar com remanescentes ósseos humanos, que compõem o conjunto principal do acervo.

Logo ao abrir as portas dos exíguos espaços físicos do SABMN (outros haviam sido tomados pela expansão dos demais setores do Departamento de Antropologia), ficou evidente o tamanho do desafio que se colocava, uma vez que as coleções do setor não eram objeto de atividades regulares de curadoria havia alguns anos. Vidros com espécimes biológicos quase sem líquido de conservação e mesmo gambás e outros animais morando nas gavetas repletas de ossos humanos nos corredores do Departamento de Antropologia foram apenas duas situações inusitadas que precisaram ser enfrentadas. Entre outras atividades prosaicas, cheguei a levar para a Biblioteca Central do Museu Nacional livros que estavam sob empréstimo desde a década de 1950, antes, portanto, de meu próprio nascimento! Havia vários gaveteiros repletos de documentação pouco sistematizada e armários com empoeirados instrumentos de pesquisa utilizados em pesquisas desde o século XIX.⁶

Em decorrência da situação encontrada, meus primeiros anos no Museu Nacional foram tomados pelo esforço de iniciar a implementação de atividades de curadoria das coleções.⁷ Um dos primeiros passos foi transferir para o Departamento de Anatomia da UFRJ a parte da coleção mantida em meio líquido. Foram também captados recursos do CNPq para contratar um técnico para iniciar a limpeza e reacondicionamento das coleções

⁶ Como detalharei adiante, essa parte do acervo veio a receber tratamento de curadoria e se tornou fonte de pesquisa para mim nos anos 2000.

⁷ Foi nesse contexto que, em 13/09/1994, formalizei junto ao Departamento de Antropologia o projeto “Reativação do Setor de Antropologia Biológica do Museu Nacional/UFRJ” (projeto n. SAG370101P060-3), assim justificado: “As coleções bioantropológicas do Museu Nacional são as mais extensas e representativas de seu gênero no Brasil. Em face das precárias condições nas quais se encontram, faz-se necessária a implementação de atividades de curadoria”. Os objetivos do projeto incluíam: “implementar atividades de curadoria das coleções de antropologia biológica do Departamento de Antropologia do Museu Nacional; possibilitar o treinamento de alunos de graduação (estagiários), através de atividades de curadoria supervisionadas; recuperar as coleções de modo que as mesmas estejam em condições apropriadas para o desenvolvimento de pesquisas futuras por pesquisadores do próprio Museu Nacional, assim como de outras instituições”. A arqueóloga Elizabeth Christina da Silva foi uma das primeiras estagiárias a trabalhar no SABMN nessa fase, tendo desempenhado importante papel na retomada das atividades de curadoria.

de remanescentes ósseos, o que incluiu um minucioso trabalho de mapear “onde estava o quê”.

Em certo sentido, era um trabalho solitário. Não obstante, eu tinha plena consciência de que havia outros docentes que, de forma muito positiva, acompanhavam e davam todo o apoio para que as coisas caminhassem a contento. Contava continuamente com o interesse e simpatia de Gilberto e Otávio Velho,⁸ em frequentes encontros nos corredores. Antonio Carlos de Souza Lima, Luiz Fernando Dias Duarte e Marília Facó Soares, que ao longo dos anos 1990 atuaram na chefia e subchefia do departamento, sempre muito preocupados com os acervos e com o fortalecimento dos vários setores, foram balizas sem as quais teria sido ainda mais difícil para o neófito navegar naquelas difíceis e complexas condições institucionais. A amizade e parceria com Sheila Mendonça de Souza, bioarqueóloga que foi aluna de Marília de Mello e Alvim e se tornou pesquisadora da FIOCRUZ nos anos 1990, foi fundamental na retomada das atividades de curadoria no SABMN.

Felizmente, não tardou muito para que a sensação de barreiras e dificuldades se transformasse na abertura de horizontes que se mostraram vivamente instigantes e promissores. Concretamente, a partir da entrada no Museu Nacional, senti-me estabelecendo canais de diálogo com a comunidade de antropólogos brasileiros que até então não haviam se colocado de forma tão presente na minha trajetória intelectual, sobretudo por ter tido minha formação pós-graduada fora do país. Ao mesmo tempo, ficava evidente o alargamento de minha visão sobre a antropologia propriamente. Se o interesse em compreender dinâmicas contemporâneas mediante uma contextualização histórica e socioeconômica já estava presente, o ingresso como docente no Museu Nacional descortinou para mim uma profundidade histórica da antropologia física/biológica que meu treinamento prévio e meu foco de pesquisa, centrado em dinâmicas da segunda metade do século XX, pouco haviam enfatizado.

A vinda para o Rio de Janeiro e a entrada no Museu Nacional foram verdadeiros choques de temporalidade. De um momento para outro, agora como responsável pelo SABMN, tive que desenvolver atividades de curadoria e circular em corredores, abrindo

⁸ Nesse sentido, é ilustrativo o convite de Gilberto Velho para que eu ministrasse uma conferência no Fórum de Ciência e Cultura, da UFRJ, no âmbito das atividades promovidas pela Coordenação de Programas de Estudos Avançados (COPEA) da UFRJ. Em 13 de abril de 2000, apresentei a conferência “Darwinismo, Evolução e Sociedades Indígenas”.

gavetas e tendo contato com peças do acervo que, não raro, datavam do século XIX e do início do XX. As surpresas eram de diversas ordens. Eu destrancava um armário e lá estavam instrumentos que haviam sido utilizados por Roquette-Pinto em sua viagem para a Serra do Norte em 1912, descrita no livro *Rondonia*, que eu havia lido poucos anos antes enquanto estudante.⁹ Ou folheava pastas em gaveteiros antigos e lá estavam documentos de trabalhos de gerações de antropólogos físicos que atuaram no Museu Nacional desde o século XIX (ver Santos & Mello e Silva 2006). Outras surpresas eram de natureza quase íntima, relacionada à minha trajetória pessoal. Tendo morado a maior parte de minha vida em Brasília, uma cidade tão nova, me causava estranheza subir escadas no Museu Nacional e ver degraus gastos pelo pisar de pessoas ao longo dos séculos. Isso não existia em Brasília, que quando lá vivi tinha pouco mais que duas décadas de existência. Lá o tempo, através dos passos das pessoas, ainda não havia se imiscuído de forma tão palpável nas estruturas físicas.

Em meados dos anos 1990, dois ou três anos após meu ingresso no Museu Nacional, se consolidava meu interesse pelas coleções do SABMN como foco de pesquisa acerca da história da antropologia física/biológica no Brasil. Foi nesse bojo que, em 1995, convidado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/MN), ministrei a disciplina “Teorias em Antropologia Biológica: Biologia Cultura e Sociedade”.¹⁰ Uma década depois, em 2005, participei de uma segunda disciplina no PPGAS em parceria com Carlos Fausto e Maria Dulce Gaspar (“Dimensões do Conhecimento Etnológico: O Um e o Múltiplo - As Antropologias e os Ameríndios”).¹¹

⁹ Anos depois, mediante uma parceria entre a Academia Brasileira de Letras e a Editora FIOCRUZ, participei do projeto de publicação do fac-símile da primeira edição do livro *Rondonia: Antropologia – Etnografia* (1917), de Roquette-Pinto, para a qual, em coautoria com Nísia Trindade Lima e Carlos Coimbra Jr., preparei um texto introdutório (Lima et al. 2005). Em 29 de setembro de 2009, apresentei na Academia Brasileira de Letras a conferência “A Antropologia de ‘Os Sertões’”, no ciclo de eventos Centenário de Morte de Euclides da Cunha.

¹⁰ A ementa da disciplina indicava: “Este curso enfocará o desenvolvimento das ideias na interface biologia-cultura-sociedade, tendo como objetivo principal situar as teorias em antropologia biológica historicamente e no contexto da antropologia contemporânea” (Ementa da disciplina “Teorias em Antropologia Biológica: Biologia Cultura e Sociedade”, PPGAS/MN, 1995).

¹¹ A ideia de oferecer essa disciplina aconteceu no âmbito das discussões sobre a criação do atual Programa de Pós-Graduação de Arqueologia do Departamento de Antropologia do Museu

Na UFRJ, fui docente em disciplinas de graduação no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) – Antropologia Biológica, em 2000 e 2002 – e no Centro de Ciências da Saúde (CCS) – Anatomia e Antropologia Física no Curso de Formação de Biocientista, em 2006.

Em 1994, juntamente com pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ),¹² elaborei o projeto de exposição “Antropologia Física no Brasil na Virada do Século”, apresentado ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro. A ideia foi bem acolhida, mas a comissão encarregada da seleção das propostas a considerou por demais “científica” para o público do espaço cultural. Em contrapartida, foi-nos oferecida a possibilidade de realizar um seminário custeado pelo CCBB, que coorganizei com Marcos Chor Maio, da COC/FIOCRUZ, que aconteceu nos dias 30 e 31 de maio de 1995. Os trabalhos apresentados nesse evento resultaram na coletânea *Raça, Ciência e Sociedade* (Maio & Santos 1996), que se tornou uma importante referência para o campo dos estudos raciais, com diversas reimpressões ao longo dos anos. Nesse volume publiquei o capítulo “Da morfologia às moléculas, de raça à população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX”, que foi minha primeira incursão de cunho mais histórico-antropológico acerca do campo antropologia física/biológica (Santos 1996).¹³ Em larga medida, esse trabalho derivou de reflexões que se iniciaram com as leituras que fiz para me preparar para o concurso no Museu Nacional em 1992.

Nacional, que desde seu início envolveu a participação de docentes de outros setores. Nesse âmbito, a ementa da disciplina indicava: “O objetivo deste curso é produzir uma reflexão interdisciplinar sobre questões teóricas e problemas empíricos, tendo como foco os povos indígenas das Américas. Noções de unidade e diversidade, simplicidade e complexidade, homogeneidade e heterogeneidade têm sido frequentemente mobilizadas para pensar o universo ameríndio seja para falar do povoamento do continente, do estoque genético da população indígena, de suas línguas, das formas sociopolíticas do passado e do presente, ou ainda das cosmologias e filosofias sociais. Centrais à reflexão de áreas como arqueologia, linguística, antropologia biológica e etnologia, tais noções oferecem um caminho privilegiado para explorar as articulações e diálogos entre as antropologias” (Ementa da disciplina “Dimensões do Conhecimento Etnológico: O Um e o Múltiplo - As Antropologias e os Ameríndios”, PPGAS/MN, 2005).

¹² Segundo o projeto, “Com ênfase no acervo do Museu Nacional, complementado por material proveniente da Casa de Oswaldo Cruz e do Museu Nina Rodrigues, a exposição tem como objetivo principal recuperar a história da antropologia física como praticada no Brasil entre 1880 e 1930, divulgando-a para o público sob a forma de um produto cultural bem definido” (Santos et al. 1994:9). A equipe proponente incluía Ricardo Ventura Santos, Nísia Trindade Lima, Marcos Chor Maio e Pedro Paulo Soares.

¹³ Em 1995, de março a abril, passei um período de dois meses ligado ao Departamento de Antropologia do *Hunter College*, da *City University of New York*, trabalhando conjuntamente com

A década de 1990 foi também marcada por iniciativas para ampliar as redes de interação e cooperação no âmbito internacional. Nesse sentido, os esforços iniciais de curadoria das coleções do SABMN aconteceram aproximadamente na mesma época, quando Carlos Coimbra Jr. e eu atuamos na organização do III Congresso da Associação Latino-Americana de Antropologia Biológica, que foi realizado em associação com a II Reunião da Sociedade Brasileira de Paleopatologia, em 1994, no Rio de Janeiro. Na ocasião, recebemos apoio financeiro da *Wenner Gren Foundation*, o que possibilitou trazer aproximadamente uma dezena de pesquisadores europeus e norte-americanos para o Rio de Janeiro. No caso do segundo evento, Adauto Araújo e Sheila Mendonça, pesquisadores da FIOCRUZ com estreitas parcerias com o Museu Nacional por seus interesses na área de bioarqueologia, tiveram intensa participação. Os dois eventos reuniram centenas de pesquisadores latino-americanos e também dos EUA.

Uma preocupação que eu tinha à época era a de reestruturar a exposição permanente de antropologia biológica no Museu Nacional, uma vez que a instituição seria visitada por especialistas no contexto dos dois referidos eventos. Não foi possível rever as exposições, mesmo que minimamente, mas algumas providências foram tomadas. A exposição, que datava das décadas de 1950-60, foi parcialmente desmontada na ocasião, com a remoção do restante tendo acontecido em 1997. Ao longo do desmonte, fiz uma documentação detalhada da exposição, contemplando registro fotográfico dos textos e imagens expostos.¹⁴ Um dos temas abordados era o conceito de “biótipos”, central nos estudos em antropologia física e medicina legal nos anos 1930-40, que tem recebido crescente atenção em anos recentes nas áreas de história e antropologia da ciência (Vimieiro-Gomes 2016). Lia-se em um dos painéis da exposição, em referência aos trabalhos do biotipologista italiano Nicola Pende: “Em meio a uma população, em seu conjunto heterogênea, qual a de uma praia, observam-se indivíduos de estrutura corpórea

Nancy Flowers na análise e redação de textos a partir das pesquisas Xavante (no âmbito do projeto “Mudanças Socioeconômicas e Ambientais e seus Impactos sobre a Saúde: Estudo Comparativo de Populações Indígenas Amazônicas”, SAG n. 370101P048-4). Por ocasião desse afastamento, dediquei parte do meu tempo a realizar levantamento bibliográfico sobre temas ligados à história da antropologia física, eugenia e genética nas bibliotecas da *Columbia University*, conteúdos que se refletem no texto publicado no volume derivado do seminário do CCBB e em trabalhos subsequentes (Lindee & Santos 2012a,b; Maio & Santos 2005, 2010, 2015; Santos 1996; Souza & Santos 2014; Souza et al. 2009, 2013).

¹⁴ No horizonte de trabalhos a escrever no futuro, pretendo preparar um texto sobre essa exposição utilizando os registros feitos nos anos 1990.

similar e que reunidos em grupamentos homogêneos definem-se como biótipos. A constituição somática e psíquica dos biótipos é devida, sobretudo, à herança biológica e à evolução cronológica ascendente mas recebe, continuamente, a influência do meio atuante. O desempenho de certas atividades, tais como as esportivas, a seleção profissional e a confecção de vestuário condicionam-se a determinadas estruturas biotipológicas”.¹⁵ Além dos contextos dos eventos que estávamos organizando, como docente do Departamento de Antropologia e curador do SABMN, preocupava-me sobremaneira que a exposição permanente do Museu Nacional, em larga medida frequentada por escolares, apresentasse, quase nos anos 2000, conteúdos tão fortemente deterministas e, de um ponto de vista científico, ultrapassados.¹⁶

Mesmo naqueles anos 1990, de alta inflação e contínua crise econômica, o que impunha enormes dificuldades para a contratação de docentes, o esforço de reorganização do SABMN foi reconhecido pelo Departamento de Antropologia com a alocação de vagas para professor. Desde meu ingresso na instituição em 1992, presidi quatro concursos para docentes no setor.¹⁷ Hoje, o SABMN conta com cinco docentes, incluindo Claudia Rodrigues-Carvalho, atual diretora da instituição, em seu segundo mandato.¹⁸ Foi também recomposta a equipe de técnicos que, a despeito das dificuldades institucionais em termos de espaço, insumos e equipamentos, tem implementado importantes iniciativas de curadoria dos acervos.¹⁹ Por iniciativa sobretudo de Claudia Rodrigues no início dos

¹⁵ Santos RV, 1997. “Anotações sobre a exposição permanente de antropologia biológica do Museu Nacional, que foi desativada em abril de 1997”.

¹⁶ A partir da segunda metade da década de 1990, com o ingresso de Hilton Pereira da Silva e Claudia Rodrigues-Carvalho no SABMN, a exposição de antropologia biológica foi completamente reformulada.

¹⁷ No processo de renovação do quadro docente do SABMN, aconteceu algo particular se comparado aos demais setores do Departamento de Antropologia. Desde os anos 1990, houve duas situações em que pesquisadores (Carlos Coimbra Jr. e Hilton Pereira da Silva) ingressaram como docentes e, após alguns anos, pediram demissão por terem ingressado em outras instituições (FIOCRUZ e Universidade Federal do Pará, respectivamente). Uma vez que ambos desenvolviam (e continuam a conduzir) pesquisas com foco em populações contemporâneas, a saída de ambos aconteceu em parte devido à falta de programa de pós-graduação específico no Museu Nacional. Em larga medida, essas situações fizeram com que o SABMN optasse por direcionar a contratação de pesquisadores com especialização em bioarqueologia e áreas correlatas, portanto mais diretamente relacionados à pesquisa e curadoria das coleções ósseas.

¹⁸ O Prof. Adilson Salles é também vinculado ao SABMN, em tempo parcial, sendo sua filiação principal o Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ.

¹⁹ São atualmente três técnicos ligados ao SABMN: Murilo Quintans Bastos, Sílvia Reis e Mônica Coelho. Com a atuação desses técnicos (os dois primeiros com doutorado em áreas ligadas à

anos 2000, expandida e apoiada pelos demais docentes que ingressaram nos últimos anos (Andrea de Lessa Pinto e Andersen Liryo da Silva), foram completamente reestruturadas as condições de acondicionamento dos acervos de remanescentes ósseos, incluindo a instalação de equipamentos modernos.

Em paralelo às atividades mais diretamente ligadas às coleções no Museu Nacional no início dos anos 1990, havia outras dimensões de minha carreira acadêmica que eu sabia que também precisava priorizar. Não havia programa de pós-graduação na área de antropologia biológica no Museu Nacional, tampouco na UFRJ. Lançando mão de um convênio de cooperação entre a UFRJ e a FIOCRUZ, passei a atuar como docente no Programa de Saúde Pública da ENSP.²⁰ Quanto à linha de pesquisa na pós-graduação, Carlos Coimbra Jr. e eu estruturamos em 1992 um grupo de pesquisa sobre o tema da saúde dos povos indígenas, credenciado no CNPq e um dos primeiros com o seu perfil no país (atualmente com o nome de “Saúde, Epidemiologia e Antropologia dos Povos Indígenas”). Um objetivo primordial era contribuir para inserir a temática da saúde dos povos indígenas na agenda das discussões nos campos da saúde coletiva e antropologia da saúde, privilegiando as interfaces entre saúde pública, ciências sociais e demografia. Nesse contexto, realizei um novo concurso público em 1996 e fui aprovado na carreira de pesquisador na ENSP, e passei a trabalhar na UFRJ em regime de 20 horas semanais. Atuar em uma pós-graduação com forte componente de ciências sociais, como era e continua a ser a vertente da ENSP/FIOCRUZ, me possibilitou aliar meus interesses nas áreas da saúde e bioantropologia dos povos indígenas.

Foi no sentido de buscar a consolidação da área da saúde indígena que, no início dos anos 2000, participei da criação do Grupo de Trabalho de Saúde Indígena da

bioarqueologia/arqueologia), sob a supervisão do quadro de docentes, a curadoria das coleções tem experimentado significativas melhorias em anos recentes.

²⁰ Nesse período, uma das diretrizes da CAPES era que um docente somente poderia atuar na categoria “permanente” em no máximo dois programas de uma mesma instituição. Só muito posteriormente, já nos anos 2000, essa orientação foi modificada, de modo que atualmente um docente pode atuar como permanente em até três programas. A regra anterior, que sempre me pareceu muito prejudicial para o sistema de pós-graduação brasileiro em geral, sobretudo em um contexto de reduzido número de doutores, certamente exerceu impacto sobre minha trajetória na pós-graduação (Portaria CAPES 174/2014).

Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO).²¹ Desde sua gênese, esse GT tem sido, possivelmente, a mais ativa esfera de promoção de atividades de pesquisa e debate acadêmico sobre a temática no país, incluindo a realização de investigações de grande abrangência, como foi o “I Inquérito Nacional de Saúde e Nutrição dos Povos Indígenas” em 2008-2009, conforme detalharei adiante.²²

Uma importante atividade de nosso grupo de pesquisa foi, com base em um projeto apresentado à Ford Foundation por Carlos Coimbra Jr., Ana Lucia Escobar, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e por mim, a condução de uma ampla

²¹ O estímulo à publicação acadêmico-científica sobre o tema da saúde indígena foi outra vertente importante na interação entre nosso grupo de pesquisa e o GT da ABRASCO. Lançando mão do potencial de disseminação da produção científica existente na FIOCRUZ, foram editados fascículos temáticos em *Cadernos de Saúde Pública* (Santos & Escobar, 2001), uma das principais revistas do campo da saúde pública da América Latina, assim como publicados diversos livros e coletâneas pela Editora FIOCRUZ. Participei da organização de vários volumes, incluindo *Saúde dos Povos Indígenas* (Santos & Coimbra Jr. 1994a), *Epidemiologia e Saúde dos Povos Indígenas no Brasil* (Coimbra Jr. et al. 2003) e *Demografia dos Povos Indígenas no Brasil* (Pagliaro et al. 2005). Ainda no âmbito da Editora FIOCRUZ, fui um dos criadores da coleção *Saúde dos Povos Indígenas*, cujo mais recente e sexto título é *Saúde Indígena em Perspectiva: Explorando suas Matrizes Históricas e Ideológicas*, organizado por Carla Teixeira e Luiza Garnelo (2014).

²² Sobre esse aspecto, julgo que vale transcrever trecho de carta de Luiz Fernando Dias Duarte, chefe do Departamento de Antropologia à época, à Congregação do Museu Nacional, em 26 de dezembro de 1995, referente à minha solicitação de mudança de regime de trabalho para 20 horas: “Foi com grande esforço que o DA obteve em 1992 uma vaga para professor adjunto para o Setor de Antropologia Biológica, que veio a ser ocupada pelo Prof. Ricardo Santos a partir de fevereiro de 1993. Nessa ocasião, o setor não contava com nenhum docente... A avaliação do Corpo Deliberativo é a de que o esforço de reativação do Setor de Antropologia Biológica, do qual o Prof. Ricardo Santos é responsável, através de alocação de vaga foi amplamente compensado em face das inúmeras atividades implementadas ao longo dos últimos três anos... O Corpo Deliberativo julga que a mudança de regime de trabalho do Prof. Ricardo Santos para 20 horas não se configura na situação mais ideal... Não obstante, avalia que, sendo exíguo o número de especialistas em antropologia biológica com doutorado no país, é importante realizar esforços no sentido de manter bioantropólogos de reconhecida competência em seus quadros... O Corpo Deliberativo também sensibilizou-se pela argumentação do Prof. Ricardo Santos acerca de suas motivações acadêmicas de natureza mais pessoal. Segundo o professor, seus interesses acadêmicos situam-se na interface entre as ciências biológicas e as ciências sociais que, em suas palavras, é a própria essência da antropologia biológica. Desta forma, manter uma vinculação simultânea em um centro de pesquisa e ensino em biomedicina e saúde coletiva (FIOCRUZ) e em um departamento de antropologia (Museu Nacional) representa a oportunidade de combinar os aparatos teórico-metodológicos necessários para o desenvolvimento de suas atividades de investigação e docência... O Corpo Deliberativo entende que a dupla vinculação do Prof. Ricardo Santos no Museu Nacional e na FIOCRUZ pode trazer uma série de benefícios para ambas instituições. Ao longo dos últimos anos, o Departamento de Antropologia como um todo, e o Setor de Antropologia Biológica em particular, tem realizado uma série de atividades em parceria com diversas unidades da Fundação Oswaldo Cruz”.

iniciativa de cooperação entre a ENSP e o Centro de Estudos de Saúde Indígena (CESIR/UNIR).²³ Entre 2002 e 2005, com apoio da antropóloga Ondina Fachel Leal, originalmente ligada à UFRGS e, na ocasião, *program officer* da Ford, o projeto envolveu a estruturação física do CESIR, incluindo o estabelecimento de uma biblioteca de referência na área da saúde e etnologia indígena, e um intenso programa de cursos, iniciação científica e pesquisas em saúde indígena no sudoeste amazônico. Além de congregarem docentes da instituição interessados no tema da saúde dos povos indígenas, o projeto contemplava a possibilidade de apoio, na forma de bolsas de estudo, para que egressos dos cursos de graduação da UNIR realizassem pós-graduação na ENSP. O CESIR se estabeleceu como a principal referência de pesquisa em saúde indígena em Rondônia, o que se estende até os dias atuais. Diversos ex-estagiários completaram o mestrado e/ou o doutorado na ENSP, sendo atualmente pesquisadores em diversas instituições do país. Dentre os que foram meus orientados (ou coorientados), podem ser mencionados Gerson Luiz Marinho (atualmente docente na Escola de Enfermagem Anna Nery, UFRJ) e Jesem Orellana (atualmente pesquisador no Instituto Leônidas e Maria Deane, FIOCRUZ Manaus). Atuei também como co-orientador do antropólogo Ari M.T. Ott, que, ligado ao CESIR e atualmente reitor da UNIR, fez seu doutorado no Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Quanto às pesquisas sobre saúde e bioantropologia de populações indígenas amazônicas, após a etapa sobre os Tupí-Mondé de Rondônia no contexto de minha tese de doutorado, me envolvi crescentemente em investigações entre os Xavante. Em 1990, Carlos Coimbra Jr., Nancy Flowers e eu iniciamos uma pesquisa entre os Xavante de Pimentel Barbosa cujo objetivo era proceder a uma análise diacrônica acerca dos impactos bioantropológicos e epidemiológicos decorrentes do contato permanente com a

²³ Ana Lucia Escobar foi uma das primeiras egressas do doutorado na ENSP/FIOCRUZ a trabalhar com a temática da saúde de populações indígenas. Carlos Coimbra Jr. foi seu orientador na pós-graduação, tendo eu participado ativamente de várias das etapas de campo de seu projeto de doutorado (acerca da epidemiologia da tuberculose nos Wari, de Rondônia). O projeto se inseria nas linhas de nosso grupo de pesquisa na ENSP/FIOCRUZ e gerou várias publicações nas quais participei (Basta et al. 2004, 2006; Escobar et al. 2004; Souza-Santos et al. 2008).

sociedade nacional envolvente.²⁴ Passados aproximadamente 25 anos, é uma linha de investigação que, se transformando com o tempo, devido aos nossos interesses de investigação e os dos demais pesquisadores envolvidos, assim como por questões colocadas pelas próprias comunidades, tem continuidade até os dias atuais.

De nosso ponto de vista, o estudo Xavante, e das comunidades localizadas na Terra Indígena Pimentel Barbosa em especial, oferecia uma série de condições bastante atraentes para a vertente de pesquisa que estávamos interessados em conduzir. Isso porque havia uma documentação histórica e etnográfica de maior profundidade se comparada àquela referente à Rondônia. Desde os anos 1950, com as pesquisas etnológicas de David Maybury-Lewis (1967), que resultaram no importante livro *Akwe Xavante Society*, de 1967, produziram-se dados e interpretações relativas a mudanças socioculturais, ecológicas e demográficas em curso. Após os estudos de Maybury-Lewis, ao longo das três décadas (anos 1960, 70 e 80) foram realizadas em Pimentel Barbosa pesquisas com foco nas áreas de genética e saúde (por James Neel e Francisco Salzano, *University of Michigan* e UFRGS, respectivamente, contando com a participação de Maybury-Lewis), demografia, organização social e ecologia humana (por Nancy Flowers, *City University of New York*) e etnologia e antropologia linguística (por Laura Graham, *University of Iowa*).

Após trabalho de campo inicial, em junho-julho de 1990, apoiado por um financiamento da *Wenner Gren Foundation* concedido a Carlos Coimbra Jr. e a Nancy Flowers, recebi uma bolsa de três anos por intermédio do *Leadership Program* da *MacArthur Foundation* para coordenar o projeto “Mudanças Socioeconômicas e Ambientais e seus Impactos sobre a Saúde: Estudo Comparativo de Populações Indígenas Amazônicas”. Foi com esse financiamento que, entre 1992 e 1995, realizamos diversas etapas de trabalho de campo em Pimentel Barbosa, complementando os dados coletados em 1990. As pesquisas envolveram um amplo espectro de temas nas áreas da saúde, ecologia humana e sociodemografia. Em um texto recente, intitulado “A half-century portrait: Health transition in the Xavante Indians from Central Brazil”, revisamos a trajetória de nossas pesquisas em Pimentel Barbosa (Santos et al. 2013).

²⁴ Nosso primeiro trabalho de campo em Pimentel Barbosa em 1990 coincidiu com uma visita de David Maybury-Lewis aos Xavante, depois de muitos anos de ausência. Na ocasião, estava sendo filmado um episódio da série de televisão *Millenium: Tribal Wisdom and the Modern world*, protagonizada por Maybury-Lewis (1992).

No contexto da pesquisa em Pimentel Barbosa, assim como em outras terras Xavante, aconteceu a formação, em nosso grupo de pesquisa, da primeira leva de alunos de pós-graduação na ENSP. Entre os meus orientandos (e co-orientandos) de mestrado e doutorado que realizaram pesquisas em terras indígenas Xavante estão Rui Arantes, que é atualmente pesquisador associado na FIOCRUZ Campo Grande e coordenador da área de saúde indígena daquela instituição; Maurício S. Leite, professor-adjunto no Departamento de Nutrição da UFSC; Silvia A. Gugelmin, professora-adjunta no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso, e Luciene G. de Souza, funcionária do Ministério da Saúde.²⁵ Foi também no âmbito das pesquisas Xavante que o antropólogo James Welch, então estudante de doutorado na *Tulane University* sob a orientação de William Balée e atualmente pesquisador do quadro da ENSP/FIOCRUZ, se ligou a nosso grupo de pesquisa.²⁶

Após um período de aproximadamente sete anos (1990-1997) realizando intensas atividades de pesquisa em Pimentel Barbosa, em conjunto com outros pesquisadores envolvidos na investigação, decidimos preparar uma monografia que, de forma ampla, sintetizasse o grande volume de informações coletadas. Foi com esse intuito que, em 1998-1999, realizei estágio de pós-doutorado no Departamento de Antropologia da *University of Massachusetts* (campus de Amherst) e no Programa de Ciência, Tecnologia e Sociedade do *Massachusetts Institute of Technology* (STS/MIT), em Boston, nos EUA, apoiado com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Nesse período, em parceria com Carlos Coimbra Jr., Nancy Flowers e Francisco Salzano, almejava-se primordialmente escrever uma monografia síntese de nossas pesquisas sobre os Xavante de Mato Grosso, o que resultou no livro *The Xavante in*

²⁵ Com foco em etnomedicina Kaingang, Eliana Diehl, atualmente professora no Departamento de Ciências Farmacêuticas da UFSC e com intensa produção de pesquisa em saúde indígena em parceria com Esther Jean Langdon, realizou seu doutorado na ENSP sob minha orientação nessa época.

²⁶ Junto ao CNPq, atuei como supervisor da pesquisa de doutorado de James R. Welch, que abordou temas relacionados à organização social dos Xavante. Em 2009, fui membro da banca de defesa de sua tese no Departamento de Antropologia da *Tulane University*, New Orleans.

Transition: Health, Ecology and Bioanthropology in Central Brazil, publicado pela University of Michigan Press em 2002 (Coimbra Jr. et al. 2002). Conforme indicamos na Introdução, “This book presents the results of research in an indigenous community of Central Brazil. Our principal aim, in collecting and analyzing demographic, biological, epidemiological, and ecological data, has been to produce a diachronic view of the long and complex interaction between the Xavante people, especially those of the Etênitépa community, and the surrounding Brazilian national society. On a broader scale, our research may be seen as an attempt to understand how local systems interact with larger social, economic, and political institutions and processes” (p. 1). Em 2003, *The Xavante in Transition* foi escolhido como o melhor livro publicado na categoria *Exemplary Cross-Field Scholarship* pela *General Anthropology Division* da *American Anthropological Association*.

Durante o estágio de pós-doutorado, em paralelo ao trabalho de escrita do livro *The Xavante in Transition*, também estava interessado em me familiarizar com os debates em curso no campo dos estudos sociais da ciência (nesse sentido, o ambiente do STS/MIT se mostrou muito propício), como também em acompanhar as atividades acadêmicas no Departamento de Antropologia e no Programa de História da Ciência da *Harvard University*. No STS/MIT, além de frequentar como ouvinte disciplinas nos campos de antropologia e história da ciência, ministrei uma conferência sobre história das pesquisas em genética de populações indígenas que, alguns anos depois, resultaria em um artigo publicado na *Critique of Anthropology* (Santos 2002), o primeiro acerca das interfaces entre raça, história, ciência e identidades que publicaria em língua inglesa.

Quanto ao desempenho de atividades de cunho institucional, ao longo da década de 1990 me dediquei sobretudo à coordenação do SABMN (1992-1998). Desde 2000, após retorno depois do pós-doutorado, assumi diversas funções burocráticas e de representação em diversas instâncias. No Museu Nacional, destaco as seguintes: membro da Comissão de Exposições do Museu Nacional (2000-2004); chefia adjunta (“substituto eventual”) do Departamento de Antropologia (2011-2013); representante suplente do Museu Nacional no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2015-2017). Na FIOCRUZ, tais funções incluíram: membro do

Comitê de Ética em Pesquisa da ENSP/FIOCRUZ (2001-2003); coordenador do Programa de Pós-Graduação de Saúde Pública da ENSP/FIOCRUZ (2001-2002); coordenador geral da Pós-Graduação da FIOCRUZ (equivalente a decano de Pós-Graduação) (2004-2006); chefe do Departamento de Grandes Endemias Samuel Pessoa (2005-2007); editor científico da Editora FIOCRUZ (2005-2012); editor associado de *Cadernos de Saúde Pública* para a área de etnicidade e saúde (de 2013 até o presente); membro do Comitê de Acompanhamento do Programa de Pesquisador Visitante da FIOCRUZ (de 2013 até o presente).

Quanto às atividades de representação, incluíram: membro do GT de Saúde Indígena da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) (2000-2012); coordenador e coordenador adjunto do GT de Demografia dos Povos Indígenas da Associação Brasileira de Estudos de População (ABEP) (2012-2014 e 2014-2016, respectivamente); coordenador adjunto da área da saúde coletiva na CAPES (2006-2011); membro do Comitê Consultivo do Projeto SciELO Livros no Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS); membro da Câmara de Assessoramento Científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) (2006-2008); membro da Comissão de Relações Étnicas e Raciais da Associação Brasileira de Antropologia (CRER/ABA) (2004-2010); e membro da Comissão de Projeto Editorial da ABA (2014-2016).

A partir de 2000, passei crescentemente a me sentir operando nas duas vertentes da produção científica descritas por C. P. Snow em seu conhecido *The Two Cultures* (Snow 1959). Ao mesmo tempo que ativamente envolvido em pesquisas bioantropológicas, demográficas e epidemiológicas, na interface entre a biomedicina e as ciências sociais em saúde, as reflexões de orientação histórica e na vertente dos estudos sociais da ciência passaram a ocupar crescente espaço na minha agenda de pesquisas. Nessa segunda vertente, a história dos estudos sobre diversidade biológica humana no Brasil foi possivelmente o tema ao qual dediquei maior atenção ao longo da última década e meia.

Nos anos 1990 eu havia publicado alguns trabalhos que, de forma menos ou mais direta, abordavam a trajetória do conceito de raça na antropologia física/biológica. Dentre eles estava o já referido capítulo “Da morfologia às moléculas, de raça à população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX” na coletânea *Raça, Ciência e Sociedade* (Maio & Santos 1996) e um artigo na *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* intitulado “A obra de Euclides da Cunha e os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século XX: *Os Sertões* e a medicina-antropologia do Museu Nacional” (Santos 1998).²⁷

Durante o pós-doutorado que realizei em 1998-1999, recebi um convite para participar de outro seminário internacional da *Wenner Gren Foundation*, dessa vez tendo como tema *Anthropology in the Age of Genetics: Practice, Discourse, Critique*. O evento aconteceu em 1999 (em um hotel em Teresópolis, na época muito utilizado pela *Wenner Gren* para suas conferências) e foi organizado por Alan H. Goodman e Deborah Heath (Lewis and Clark College). Era um momento em que, tendo havido substancial expansão das tecnologias genômicas nos anos 1990, cresciam as implicações médicas e sociopolíticas, inclusive no âmbito das identidades sociais, passando a chamar a atenção de cientistas sociais interessados em áreas como história, antropologia e sociologia da ciência.

Para esse seminário da *Wenner Gren* escrevi um trabalho em que analisava comparativamente as pesquisas sobre diversidade biológica de populações indígenas nos anos 1960 (no âmbito dos projetos do componente de “Human adaptability” do *International Biological Program*, com que havia travado contato no doutorado em Bloomington) e dinâmicas emergentes nos anos 1990, em particular o chamado *Human Genome Diversity Project* (HGDP). Um dos focos era buscar explicitar que, a despeito das transformações tecnológicas (por exemplo, estudos de grupos sanguíneos e marcadores proteicos nos anos 1960 vs. DNA nos anos 1990), permaneciam nas narrativas científicas imaginários relativos a isolamento, primordialidade e ênfase na urgência das pesquisas diante do iminente desaparecimento dos povos indígenas (Santos

²⁷ Esse trabalho fez parte de um fascículo temático da *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* que organizei em parceria com Nísia Trindade Lima e Simone Kropf (COC/FIOCRUZ), no qual foram publicados os textos apresentados durante o seminário “Brasil Ser Tão Canudos”, realizado no Museu da República em 1997, de cuja comissão organizadora participei (ver Lima et al. 1998).

2002, 2003).²⁸ Além do debate intelectual propriamente, a dinâmica do seminário (aproximadamente vinte pesquisadores reunidos ao longo de uma semana, discutindo textos previamente preparados) favorecia um ambiente de socialização que se desdobrou em relações profissionais futuras. Foi uma ocasião propícia para travar contato com autores interessados no tema das interfaces entre antropologia e genética que eu estava lendo sistematicamente no pós-doutorado em Boston, entre os quais Donna Haraway, Troy Duster, Sarah Franklin, Rayna Rapp e Susan Lindee, participantes do seminário.

Essa aproximação com autores e debates teóricos emergentes sobre genômica e antropologia aconteceram num momento em que, no Brasil, grupos de pesquisa em genética de populações, com destaque para aquele coordenado por Sérgio Pena na Universidade Federal de Minas Gerais, iniciaram a publicação de uma série de trabalhos que utilizavam a tecnologia de sequenciamento do DNA para reconstruir o processo de formação biológica da população brasileira. Desde 2000, o conhecimento produzido pelos geneticistas tem tido ampla divulgação nos meios de comunicação, vindo a ocupar, pelas implicações no âmbito da construção de identidades, significativo espaço nos debates em torno das políticas públicas no campo das ações afirmativas de recorte étnico-racial. Esse tema se tornou uma questão central de minhas reflexões a partir de 2001-2002.

²⁸ O trabalho apresentado no seminário da *Wenner Gren* partiu de uma situação particular. Em 1996, participando do encontro anual da *American Association of Physical Anthropologists*, na Carolina do Norte, visitei o *stand* de uma empresa chamada *Coriell*. Na ocasião, recebi um panfleto indicando a disponibilização para compra para fins de pesquisa de amostras de DNA e de linfócitos de duas populações indígenas de Rondônia (Karitiana e Suruí). Nessa mesma época, a convite de Eduardo Viveiros de Castro, participei de uma reunião na sede do Instituto Socioambiental (ISA) para planejar a publicação de uma enciclopédia sobre povos indígenas amazônicos. No Rio, após participar do evento nos EUA, comentei com Viveiros de Castro sobre a questão das amostras Karitiana e Suruí, ouvindo dele a sugestão de escrever um breve comentário para *Parabólicas*, publicado pelo ISA, o que resultou no texto “Sangue, bioética e populações indígenas” (Santos & Coimbra Jr. 1996). Subsequentemente, Carlos Coimbra e eu publicamos outros textos nos quais abordamos questões da ética em pesquisa envolvendo populações indígenas (Coimbra Jr. & Santos 1996; Santos 1999, 2006). O caso teve expressiva repercussão, amplificada por massiva cobertura pelos meios de imprensa. Entre outros desdobramentos, os Karitiana entraram com uma ação no Ministério Público Federal de Rondônia para esclarecer o caso (ainda não resolvido, pelo que me consta). Em um cenário de crescente preocupação com questões antropológicas e éticas acerca do uso de amostras biológicas oriundas de populações indígenas a partir do desenvolvimento de novas tecnologias biomédicas, o caso das amostras Karitiana e Suruí foi debatido em Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Congresso Nacional e influenciou aspectos da regulação da ética em pesquisa, como foi o caso da Resolução 304/2000 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamentou a formação de bancos de DNA, de linhagens de células ou de quaisquer outros materiais biológicos relacionados aos povos indígenas.

Minha primeira aproximação com a temática aconteceu por meio do texto *Bringing in new blood to the dying myth of racial democracy? Race, genetics, politics and activism in a recent debate in Brazil*, escrito em parceria com Marcos Chor Maio e apresentado em um simpósio organizado por Rayna Rapp na reunião anual da *American Anthropological Association*, realizada em San Francisco em 2000. Esse trabalho, com o título “Injetando sangue no moribundo mito da democracia racial? Genética, relações raciais e política no Brasil contemporâneo”, foi publicado no livro *Homo Brasilis: Aspectos Genéticos, Linguísticos, Históricos e Socioantropológicos da Formação do Povo Brasileiro*”, organizado por Sérgio Pena (Santos & Maio 2002). Posteriormente, uma versão bem mais detalhada e antropológicamente referida foi publicada na revista *Mana: Estudos de Antropologia Social* (Maio & Santos 2004a), e redigi diversos outros trabalhos, vários dos quais em coautoria com colegas geneticistas, antropólogos sociais e sociólogos, sobre as interfaces entre raça, identidades e genômica no Brasil (Gaspar Neto & Santos 2011; Kent & Santos 2012, 2014; Kent et al. 2014, 2015; Santos & Maio 2004a,b, 2005; Santos et al. 2009, 2012, 2014b,c). Dentre eles, destaco *Color, race, and genomic ancestry in Brazil: dialogues between anthropology and genetics*, publicado na *Current Anthropology*, com comentários de uma dezena de especialistas, seguidos de réplica (Santos et al. 2009).²⁹

Meu envolvimento com a *Wenner Gren* se intensificou quando fui convidado pelo então presidente Richard Fox e pelo *Board of Trustees* para atuar como um dos seis membros do *Advisory Council* (2004-2008), assumindo a posição de *co-chair* em 2007-2008. Logo após minha entrada no comitê houve a transição de presidência para Leslie Aiello. O comitê se reunia duas vezes por ano na sede da fundação em NY, quando eram discutidos os relatórios das atividades executadas no semestre anterior, incluindo financiamentos aprovados e propostas de iniciativas futuras. Foi, sem dúvida, uma experiência profissional importante que me permitiu conhecer o funcionamento e os programas não somente da *Wenner Gren*, mas também da revista *Current Anthropology*,

²⁹ Cabe aqui assinalar que as leituras de textos de Peter Fry e Yvonne Maggie, além da possibilidade de compartilhar a amizade de ambos, foram sempre pessoal- e academicamente muito prazerosos (ver Fry et al. 2007; Maio & Santos 1996; Santos et al. 2009).

que é publicada pela *University of Chicago Press*, mas cujo editor é escolhido em parceria com a fundação.

Estimulados pela experiência de termos participado em conferências internacionais promovidas pela *Wenner Gren*, a historiadora na ciência Susan Lindee, da *University of Pennsylvania*, e eu fizemos uma proposta de evento voltado especificamente para analisar, em perspectiva comparativa, a trajetória do campo da antropologia física/biológica em escala internacional. A princípio, planejávamos realizar uma conferência que, à semelhança da perspectiva de *World Anthropologies* proposta por Gustavo Lins Ribeiro e Arturo Escobar (2006), abordasse comparativamente os processos de gênese e trajetória do campo da antropologia física/biológica em diversos países do mundo. A conferência aconteceu em 2010 e o conjunto de trabalhos foi publicado em um número temático da *Current Anthropology* com o título *The Biological Anthropology of Living Human Populations: World Histories, National Styles, and International Networks* (Lindee & Santos 2012a,b). Além do texto de introdução em parceria com Susan Lindee, participo do fascículo temático com o texto *Guardian angel on a nation's path: Contexts and trajectories of physical anthropology in Brazil in the late Nineteenth and early Twentieth centuries* (Santos 2012).

A convite de Heloísa Pagliaro (Universidade Federal de São Paulo) e Marta Azevedo (Universidade Estadual de Campinas), em 2002 comecei a participar ativamente do GT de Demografia dos Povos Indígenas. Tal inserção se desdobrou em inúmeras atividades ao longo dos anos. Uma particularmente significativa foi a organização da coletânea *Demografia dos Povos Indígenas no Brasil* (Pagliaro et al. 2005).

Como membro do GT, tomei parte nas discussões acerca das análises referentes aos indígenas do Censo 2000, redigindo textos que vieram a compor a publicação *Tendências Demográficas: Uma Análise dos Indígenas com Base nos Resultados da Amostra dos Censos Demográficos 1991 e 2000* (IBGE 2005), que é possivelmente o mais detalhado estudo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o segmento indígena naquele censo (IBGE 2005). Na fase de planejamento do recenseamento seguinte, participei, junto com outros membros do GT, em discussões acerca das perguntas relativas aos indígenas incluídas no questionário do Censo

Demográfico de 2010, e preparamos material de apoio sobre a temática indígena, que foi distribuído para os recenseadores.

A estatística Nilza Pereira, uma das principais técnicas do IBGE envolvidas com a temática indígena, foi minha orientanda de doutorado na ENSP. Sua tese de doutorado, concluída em 2011, envolveu uma análise de dados coletados no Censo Demográfico de 2000 nas terras indígenas Xavante, em Mato Grosso. Em larga medida, esse estudo de caso Xavante permitiu identificar questões como a falta de correspondência entre os limites das terras indígenas e os setores censitários do IBGE e os critérios de classificação dos domicílios, entre outras, que foram úteis nas discussões sobre a captação de dados para indígenas no Censo 2010. Nesse âmbito, participei em diversas publicações derivadas das investigações acerca dos dados censitários coletados nas terras Xavante (Pereira et al. 2009a,b, 2014).

Desde 2012 tenho participado da coordenação do GT de Demografia dos Povos Indígenas da ABEP, inicialmente como coordenador geral (2012-2014) e, mais recentemente, como coordenador adjunto (2014-2016). Além de assessorar a ABEP em questões relativas às populações indígenas, neste período tenho me dedicado ao esforço de dar visibilidade à temática dos estudos populacionais indígenas. Desse modo, em parceria com a ABRASCO e a ABA, coordenei a realização do seminário “Os Indígenas no Censo Demográfico 2010”, realizado no Museu do Índio, no Rio de Janeiro, em 2013, e, mais recentemente, do “VIII Seminário de Demografia dos Povos Indígenas: Saúde, Território e Ambiente”, realizado no Centro de Inteligência Corporativa do IBGE, no Rio de Janeiro, em 2015. Como parte de minhas atividades como membro do conselho editorial da *Revista Brasileira de Estudos de População* (REBEP), publicada pela ABEP, está em andamento a publicação do número temático *Demografia, Saúde e Condições de Vida dos Povos Indígenas: Perspectivas Contemporâneas*, a ser divulgado no segundo semestre de 2016.

Em decorrência desses envolvimento, parcela expressiva dos pós-graduandos que tenho orientado no mestrado e doutorado nos últimos anos tem trabalhado com temas ligados aos indígenas nos censos demográficos brasileiros. A perspectiva geral que permeia essas pesquisas tem sido, ao mesmo tempo que gerando perfis sociodemográficos, analisar criticamente as categorias empregadas na coleta de dados e as generalizações estatístico-demográficas produzidas pelas quantificações censitárias. No âmbito das dissertações e teses produzidas em anos recentes na ENSP/FIOCRUZ e

nas quais atuei como orientador, Gerson L. Marinho abordou o tema da classificação dos domicílios indígenas nos censos de 2000 e 2010; Aline Caldas analisou dados referentes à mortalidade infantil no Censo 2010; Barbara Cunha investigou as formas de declaração de datas de nascimento no Censo 2010; Ludimila Raupp trabalhou com dados relativos a condições de saneamento com base nos censos de 2000 e 2010.³⁰

A partir da contratação de novos docentes para o SABMN, novas linhas de pesquisa ligadas às coleções ósseas se estabeleceram e ampliaram. No intuito de estimular a diversificação das atividades de pesquisa do SABMN, considerando inclusive a consolidação do recém-criado Programa de Pós-Graduação de Arqueologia, apoiei a iniciativa de desenvolver investigações sobre isótopos estáveis de estrôncio, marcadores químicos largamente utilizados para analisar padrões de mobilidade de populações humanas no passado.

Em parceria com Cláudia Rodrigues-Carvalho e Sheila Mendonça (ENSP/FIOCRUZ), buscamos prover apoio para o desenvolvimento de pesquisa sobre amostras de remanescentes ósseos do chamado Cemitério dos Pretos Novos, no centro do Rio de Janeiro. Para tal, fui o responsável pela captação de recursos junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), mediante uma Bolsa de Cientista de Nosso Estado, e ao CNPq, com projeto aprovado em edital universal. Esses recursos foram também empregados para financiar parcialmente a extensão da pesquisa, o que resultou na tese de doutorado de Murilo Bastos defendida no Programa de Pós-Graduação em Geologia da UnB, sob a orientação do Prof. Roberto Ventura Santos. Entre outras atividades, esses financiamentos possibilitaram a vinda de Della C. Cook, da *Indiana University*, uma das mais destacadas especialistas em bioarqueologia nos EUA. Os resultados dessa linha de estudos, praticamente inédita no Brasil, foram divulgados em artigos publicados nos *Arquivos da Academia Brasileira de Ciência*, na *Revista de Arqueologia*, no *International Journal of Osteoarcheology* e no *Journal of Archeological*

³⁰ Cabe lembrar também as parcerias com João Luiz Bastos, epidemiologista e professor da Universidade Federal de Santa Catarina, e Margareth Portela, da ENSP/FIOCRUZ, com quem tenho colaborado em diversos estudos sobre demografia indígena e classificação segundo cor ou raça no âmbito de pesquisas em saúde coletiva (Caldas et al. 2016; Santos et al. 2015; Bastos et al. 2009).

Science (Bastos et al. 2011a,b, 2016; Cook et al. 2015; Mendonça de Souza et al. 2012).³¹ Por meio de concurso público em 2014, Murilo Bastos ingressou na carreira de técnico no SABMN, um passo importante não somente para a consolidação do corpo técnico do setor, mas também para a implantação de novas linhas de pesquisa, como é o caso de análises geoquímicas aplicadas à bioarqueologia.

Além de apoiar o desenvolvimento de linhas de pesquisa voltadas para análises do acervo de remanescentes ósseos do SABMN com enfoque bioantropológico, também participei de iniciativas de investigação com um olhar mais centrado no campo da história e antropologia da ciência. Nesse tocante, pode-se mencionar pesquisa relacionada a um item específico da coleção do SABMN (Gaspar-Neto & Santos 2009), a chamada “Luzia”, que ganhou amplo destaque tanto na literatura científica como na mídia no fim dos anos 1990 por sua importância nos debates sobre povoamento do continente americano. Trata-se de um crânio feminino recuperado em escavação realizada na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais, no início da década de 1970. Essa peça foi estudada pelo bioantropólogo Walter Neves, da USP, vindo a ser considerada remanescente de um dos espécimes humanos mais antigos do continente americano, com datação da ordem de 11-12 mil anos.

Na condição de responsável pelo SABMN na ocasião, participei de várias apresentações públicas sobre o material, algumas das quais com a presença de Walter Neves no Museu Nacional. Pela proximidade e envolvimento com a situação, passei a colecionar sistematicamente materiais divulgados na imprensa sobre o crânio. Alguns anos depois, em colaboração com Verlan Valle Gaspar Netto, então doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF, publicamos em *Mana: Estudos de Antropologia Social* o artigo “A cor dos ossos: narrativas científicas e apropriações culturais sobre ‘Luzia’, um crânio pré-histórico do Brasil” (Gaspar Neto & Santos 2009). No texto analisamos discursos e representações sobre “Luzia”, explorando apropriações

³¹ Um dos trabalhos de autoria de Murilo Q. Bastos, e do qual participo como coautor (“Análise de isótopos de estrôncio e mobilidade humana no Sítio Forte Marechal Luz, Brasil”), recebeu Menção Honrosa no Prêmio Nuno Machado, no X Congresso de Geoquímica de Língua Portuguesa, Porto, em 27 de abril de 2010.

socioculturais que envolveram questões relativas a disputas científicas sobre primazias e temporalidades de ocupação do continente americano, com interfaces com os debates em curso à época sobre raça, ciência e sociedade no país.³²

A curadoria do acervo documental do SABMN foi outra atividade a que devotei atenção nos anos 2000. Ao ingressar no Museu em 1993, defrontei-me com um arquivo de aço repleto de documentos, incluindo uma profusão de fotografias, manuscritos, tabelas de análise e gráficos. Havia também caixas com fichas com dados antropométricos e bibliográficas. Uma vez que não localizei qualquer registro sistematizado sobre esse acervo, entrei em contato com Luiz de Castro-Faria, que no segundo semestre de 1993 gentilmente me recebeu em sua casa em Niterói para uma conversa. Além de abordar a trajetória do SABMN nas últimas décadas, Castro Faria destacou que aquele acervo continha, entre outros materiais valiosos, os originais de trabalhos de Edgard Roquette-Pinto, incluindo os relativos a seu estudo sobre os “tipos antropológicos” realizado nos anos 1910-1920. Referiu-se também à importância da coleção de instrumentos científicos do SABMN.³³

Essas informações ganharam outra escala quando, além dos trabalhos de Castro-Faria, nos anos 1990 passei a travar contato com textos de autoras como Giralda Seyferth, Lilia Schwarcz, Mariza Corrêa e Nancy Stepan, entre outras, que abordavam direta ou indiretamente temas ligados à história da antropologia física no Brasil. Foi nesse período que percebi as conexões entre a documentação do SABMN sobre pesquisas em

³² Apresentado em 2010 nos eventos conjuntos 4º Simpósio de Arqueologia e Patrimônio de Minas Gerais (SAPMG) e 3ª Reunião SABSudeste (Sociedade de Arqueologia Brasileira-Sudeste), recebeu o Prêmio Ondemar Dias de Melhor Trabalho.

³³ No âmbito do acervo do SABMN, o conjunto de instrumentos científicos é possivelmente aquele que foi menos trabalhado quanto à curadoria desde os anos 1990. Não obstante, foram tomadas algumas iniciativas, como a identificação e a preparação de um texto, de cunho preliminar, sobre os usos desses instrumentos pelos cientistas do Museu Nacional. Tendo à frente Guilherme Sá, atualmente professor no Departamento de Antropologia da UnB (e que nos anos 1990, ainda estudante de ensino médio no Colégio Pedro II, em São Cristóvão, foi estagiário no SABMN, assim como durante parte de sua graduação em ciências sociais no IFCS/UFRJ), publicamos o trabalho “Crânios, corpos e medidas: a constituição do acervo de instrumentos antropométricos do Museu Nacional na passagem do século XIX para o XX” na seção “Fontes” do periódico *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* (Sá et al. 2008).

antropologia física realizadas no Museu Nacional nas primeiras décadas do século XX e, por exemplo, a famosa passagem do prefácio de *Casa-Grande & Senzala* na qual Freyre menciona o trabalho “Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil”, de 1929, que Roquette-Pinto apresentou no I Congresso Brasileiro de Eugenia, no mesmo ano.³⁴

Nos meus primeiros anos no Museu, diante das demandas impostas pela coleção de remanescentes ósseos, não foi possível direcionar atenção diretamente para o acervo documental. Um desafio estava em realizar a curadoria, uma vez que no SABMN não havia *expertise* nesse campo. O caminho escolhido foi estabelecer uma parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), reconhecidamente uma das principais instituições especializadas na curadoria de documentação sobre história da ciência no Rio de Janeiro. Nesse âmbito, com a devida aprovação do Departamento de Antropologia, o acervo documental do SABMN, com aproximadamente dez mil documentos, foi temporariamente transferido para o MAST em 2001. Mônica Coelho, técnica do SABMN, ficou responsável pelo acompanhamento das atividades de curadoria da documentação no MAST. Por meio de projetos por mim apresentados ao CNPq e à FAPERJ, foram captados recursos para contratação de bolsistas e a compra de material para curadoria (higienização e acondicionamento) e mobiliário próprio para a guarda do acervo documental.

Em coautoria com Maria Celina Soares de Mello e Silva, arquivologista do MAST, em 2006 foi publicado pela série Livros do Museu Nacional o *Inventário Analítico do Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional*, com o apoio de um financiamento concedido pela FAPERJ (APQ3) (Santos & Mello e Silva 2006). Em 2014-15, devidamente acondicionado e organizado, o acervo retornou ao Museu Nacional, onde está disponível para consulta pública.³⁵ A convite do MAST, participei em 2015 como conferencista na série 30 Anos de Parcerias no MAST. Na ocasião, na mesa “Parceria com o Museu Nacional”, que também contou com a participação de Antonio Carlos de

³⁴ Através do Acordo Específico de Cooperação e Intercâmbio Técnico Científico e Cultural firmado entre o Museu Nacional e o MAST em 25 de fevereiro de 2008 com vistas a conduzir atividades de catalogação, higienização e acondicionamento dos documentos do chamado “Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional”.

³⁵ Cabe destacar que, a partir da disponibilização pública e divulgação do acervo, tem havido crescente interesse de pesquisadores nacionais e estrangeiros por essa coleção. Recentemente, com a devida aprovação, imagens do acervo foram utilizadas para ilustrar o livro *Latin Eugenicis in Comparative Perspective* (Tudra & Gillette 2014).

Souza Lima, abordei a cooperação interinstitucional voltada para a curadoria do Arquivo de Antropologia Física.

Ao longo do processo de curadoria, além de documentação relativa à já referida pesquisa sobre os “tipos antropológicos” de Roquette-Pinto, a riqueza e a importância do acervo documental do SABMN no tocante à história da antropologia no Brasil ganharam crescente relevo. Por exemplo, fazem parte dos Arquivos do Setor de Antropologia Física não somente dezenas de documentos administrativos (correspondências, convites, etc.), mas também trabalhos originais que, embora tenham sido apresentados, não foram publicados nas *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*.³⁶ Para dar maior visibilidade a esse importante conjunto documental, em parceria com Claudia Rodrigues-Carvalho e Vanderlei Sebastião de Souza, egresso do doutorado em história das ciências e da saúde na COC/FIOCRUZ, e também envolvendo técnicos do Museu Nacional (Mônica Coelho) e do MAST (Ozana Hannesch), foi publicado o trabalho “Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional: fontes para a história da eugenia no Brasil” na seção “Fontes” do periódico *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* (Souza et al. 2009).

Conforme já mencionado, na primeira década dos anos 2000 participei dos esforços pela consolidação do GT de Saúde Indígena da ABRASCO. Quando do lançamento, pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), de um edital de financiamento do governo brasileiro e do Banco Mundial, apresentamos uma proposta para realização do “I Inquérito Nacional de Saúde e Nutrição dos Povos Indígenas no Brasil”. A proposta foi aprovada, e ao longo de 2008-2009 atuei juntamente com Carlos Coimbra Jr., Andrey M. Cardoso (ENSP/FIOCRUZ) e Bernardo H. Horta (Universidade Federal de Pelotas) na coordenação da mais ampla pesquisa já realizada sobre saúde dos povos indígenas no Brasil.

³⁶ No rol de minhas “preferências pessoais” quanto aos documentos do Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional, um que sempre chamou minha atenção foi aquele registrado sob o número de tomo 11.414 (listado em Santos & Mello e Silva 2006: 39). Trata-se do “Registro de entrada do cérebro de Euclides da Cunha no Museu Nacional, ofertado pelo Gabinete Médico Legal de Polícias, para a Seção de Antropologia e Etnografia”, de 1918 (para mais detalhes sobre a questão do cérebro do escritor no Museu Nacional, ver Santos 1998; Abreu 1998).

Um dos intuitos principais dessa investigação foi produzir dados sobre as condições de saúde e nutrição com vistas a monitorar os impactos das políticas públicas em saúde direcionadas aos povos indígenas indicadas na “Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas”. O estudo envolveu aproximadamente 15 mil crianças menores de 5 anos e mulheres entre 15 e 49 anos, a partir de uma amostra de 123 aldeias de todo o país. O trabalho de campo envolveu mais de cinquenta pesquisadores, parcela expressiva dos quais estudantes de mestrado e doutorado na área da saúde coletiva. Com base nos dados coletados, pela primeira vez se produziram informações, com representatividade nacional, acerca de agravos à saúde como desnutrição e anemia em crianças, e do perfil nutricional e níveis tensionais em mulheres indígenas. Em anos recentes, têm sido publicados diversos trabalhos detalhando os achados dessa investigação, nos quais participo como coautor (Borges et al. 2015; Cardoso et al. 2015; Coimbra Jr. et al. 2013; Escobar et al. 2015; Horta et al. 2015; Leite et al. 2013).

Em parte devido às repercussões do “I Inquérito Nacional”, fomos convidados em 2013 para compor um grupo internacional de pesquisadores interessados em desenvolver um estudo comparativo sobre as condições de saúde dos povos indígenas em escala global. O projeto foi coordenado por Ian Anderson, médico, pesquisador e membro de uma comunidade aborígine, diretor do *Lowitja Institute*, em Melbourne, que é vinculado ao *Australia’s National Institute for Aboriginal and Torres Strait Islander Health Research*. Nosso grupo de pesquisa ficou responsável não somente por conduzir o componente brasileiro da investigação, como também por coordenar o sul-americano. Após aproximadamente três anos de intensa interação, foi recentemente publicado na revista *The Lancet* o texto *Indigenous and tribal peoples’ health (The Lancet–Lowitja Institute Global Collaboration): a population study* (Anderson et al. 2016), com a participação de três pesquisadores de nosso grupo (além de mim, Carlos Coimbra Jr. e James Welch). Envolvendo 65 especialistas de 23 países, o documento inclui dados de populações indígenas acerca de oito temas-chave, incluindo perfil socioeconômico e demográfico, mortalidade materna e infantil, condição nutricional, entre outras. Os dados referentes à população indígena no Brasil derivam dos resultados do “I Inquérito Nacional”, do Censo Demográfico de 2010 e também de sistemas de informação do Ministério da Saúde, contextualizados no âmbito da bibliografia de autores brasileiros e estrangeiros sobre a socioantropologia indígena no Brasil.

Após quase duas décadas de pesquisas entre os Xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa, fui consultado em 2009 pela Fundação Nacional do Índio (Funai) sobre minha disponibilidade para atuar como antropólogo-coordenador no âmbito de um grupo técnico com a “finalidade de realizar a primeira etapa dos estudos de natureza antropológica e ambiental em áreas de uso tradicional dos índios Xavante” (*DOU*, 8 de outubro de 2009, p. 22). Aceitei de imediato a solicitação, e a equipe incluiu, além de mim, dois pesquisadores da FIOCRUZ (Carlos Coimbra Jr. e James Welch) e três técnicos ligados à Funai (Jorge Luiz de Paula, Januária Mello e Hugo Heringer).

As etapas de campo aconteceram em 2009 e 2010 e resultaram no *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação: Wedezé – População Indígena Xavante*, cujo resumo, aprovado pela Presidência da FUNAI, foi publicado no *Diário Oficial da União* em 26 de dezembro de 2011. Com base em farto material documental e em dados históricos, ambientais, demográficos e socioantropológicos oriundos das pesquisas de campo, o GT procedeu à identificação e delimitação da Terra Indígena Wedezé, com 145.881 hectares. Posteriormente, uma versão revisada e amplamente ilustrada do relatório foi publicada pelo Museu do Índio, com o título *Na Primeira Margem do Rio: o povo Xavante de Wedezé* (Welch et al. 2013), com um prefácio de Antonio Carlos de Souza Lima (Museu Nacional/UFRJ).

Minha trajetória intelectual voltada para o campo da antropologia e história dos estudos sobre diversidade biológica de populações indígenas no Brasil não seguiu um padrão cronologicamente linear quanto aos períodos sob análise. Em decorrência de meu contato inicial com as coleções do SABMN, inicialmente me detive no período entre o fim do século XIX e o início do XX (Santos 1996, 1998). Ainda que tenham ocorrido sobreposições, em uma fase subsequente me voltei para o período mais recente, sobretudo aquele relacionado à genômica e às interfaces com identidades étnico-raciais (Gaspar Neto & Santos 2011; Kent & Santos 2012, 2014; Kent et al. 2014, 2015; Maio & Santos 2010; Santos & Maio 2004a,b, 2005; Santos et al. 2009, 2014b,c). Mais recentemente, questões teóricas surgidas na última década me estimularam a abordar de forma mais

aproximada aspectos relativos à antropologia física/biológica no Brasil nos anos 1950-60, ou seja, no período seguinte à Segunda Guerra Mundial.

Com vistas a adensar e sistematizar minhas reflexões, assim como a dedicar maior tempo à escrita de textos, em 2013 passei um período de sete meses como pesquisador visitante no *Max Planck Institute for the History of Science*, em Berlim, apoiado com uma bolsa de estágio sênior concedida pela CAPES. O estímulo inicial para passar um período na Alemanha veio da interação com a historiadora Veronika Lipphardt, uma das convidadas a participar da conferência *Wenner Gren* que organizei com Susan Lindee em 2010. Entre 2010 e 2015 Lipphardt coordenou um *independent group* no *Max Planck Institute* voltado para estudos históricos e sociais sobre diversidade biológica humana em escala global. Até o momento, desse período na Alemanha resultaram três publicações (Kent et al. 2014; Santos et al. 2014a; Souza & Santos 2014). O texto *Varieties of the primitive: human biological diversity studies in Cold War Brazil (1962-1970)* foi publicado juntamente com um segundo no qual sou coautor (Kent et al. 2014), compondo a seção temática *In Focus: Culture, Politics, and Imagined Genetic Communities in Brazil* de um fascículo do *American Anthropologist*. Esse *In Focus* teve também comentários de Lilia Schwarcz (Universidade de São Paulo) e Jonathan Marks (*University of South Carolina*).

No período em Berlim também iniciei investigação sobre um tema que era de meu interesse desde longa data, mas que até aquele momento eu não havia tido como pesquisar nos arquivos apropriados. Acerca do tema da diversidade biológica humana na Amazônia desde os anos 1960, dois cientistas estrangeiros, ambos dos EUA, tiveram proeminência: o geneticista James Neel (*University of Michigan*) e o virologista e epidemiologista Francis Black (*Yale University*). Os estudos de Neel na América do Sul têm sido tema de inúmeras análises (Lindee 2001, 2004, 2008; Salzano 1991, 2000; Santos 2002; Santos et al. 2014a), mas o mesmo não se aplica a Black.

Ao longo de sua carreira, que se estendeu dos anos 1950 aos 1990, Black foi um pesquisador extremamente influente, participando ativamente de investigações clínicas e epidemiológicas que resultaram no desenvolvimento da vacina antissarampo na década de 1960. No fim dos anos 1960 Black voltou sua atenção para populações indígenas da Amazônia brasileira, realizando influentes pesquisas sobre as relações entre diversidade genética e susceptibilidade às doenças infecciosas (Santos 2015; Dent & Santos 2016). Foi com o intuito de fazer uma pesquisa socioantropológica em profundidade sobre as

investigações de Black acerca de povos indígenas na Amazônia que, em duas etapas, em 2012 e 2013, passei um período em New Haven, cidade onde se localiza a *Yale University*, para conduzir pesquisa no arquivo pessoal de Francis Black. Também passei um período na *American Philosophical Society*, na Philadelphia, onde se encontra o arquivo pessoal de James Neel, com quem Black manteve intenso intercâmbio científico.

Nessa vertente de investigação, ao longo dos últimos anos participei como pesquisador e/ou organizador (ou coorganizador) de diversas iniciativas voltadas para estudos e discussões acerca de perspectivas antropológicas e históricas relacionados às investigações sobre diversidade biológica humana em escala transnacional. Juntamente com Sagra Gibbon (*University College, Londres*) e Monica Sans (*Universidad de la República, Uruguai*), participei da organização de um seminário em Londres em 2009 que resultou na coletânea *Racial Identities, Genetic Ancestry, and Health in South America: Argentina, Brazil, Colombia, and Uruguay* (Gibbon et al. 2011). Em parceria com pesquisadores da Inglaterra (Peter Wade, *University of Manchester*), do México (Carlos López Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México*) e da Colômbia (Eduardo Restrepo, *Universidad Javeriana*), participei na coordenação de um projeto multicêntrico realizado entre 2010 e 2015 que resultou no livro *Mestizo Genomics: Race Mixture, Nation, and Science in Latin America* (Wade et al. 2014) e em um fascículo temático da *Social Studies of Science* intitulado *Genomic Research, Publics and Experts in Latin America: Nation, Race and Body* (Hedgecoe et al. 2015; Wade et al. 2015).

Quanto às perspectivas futuras, em julho de 2016 recebi a comunicação de que fui agraciado com um *Senior Investigator Award in Humanities and Social Sciences* de quatro anos de vigência (2017-2021) da agência financiadora *Wellcome Trust*, sediada em Londres.³⁷ O processo de seleção se deu ao longo de aproximadamente seis meses, em diversas etapas, sendo a última constituída de uma entrevista presencial. É uma linha de apoio que destina recursos para iniciativas de pesquisa consideradas como inovadoras e potencialmente transformadoras em termos teóricos e metodológicos, além de

³⁷ Mais informações podem ser encontradas em: <https://wellcome.ac.uk/funding/investigator-awards-humanities-and-social-science>.

apresentarem implicações no campo das políticas de saúde.³⁸ É a primeira vez que o *Wellcome Trust* concede uma bolsa no campo das humanidades e ciências sociais para um pesquisador da América Latina.

O projeto a ser desenvolvido intitula-se *Health of Indigenous Peoples in Brazil: Historical, Sociocultural, and Political Perspectives* e será coordenado por mim, em parceria com Carlos Coimbra Jr., James Welch e Ana Lúcia Pontes, da ENSP, e Luiza Garnelo, do Instituto de Pesquisas Leônidas e Maria Deane (FIOCRUZ/ Manaus). A equipe englobará aproximadamente 20 pesquisadores brasileiros e estrangeiros, cujas investigações se voltarão para temas como história e antropologia do ativismo político indígena na construção das políticas públicas em saúde para os povos indígenas nas últimas três décadas no país; uma abordagem no campo dos estudos sociais da ciência acerca da trajetória das iniciativas de coleta e produção de dados estatísticos sobre os indígenas no Brasil, abordando também como tais quantificações tem se refletido nas políticas públicas; um estudo comparativo em seis comunidades indígenas amazônicas sobre os impactos das políticas de transferência de renda no tocante à economia doméstica, usos dos territórios e dinâmicas sócio-políticas internas.

Além de recursos financeiros para a condução de pesquisas de campo por estudantes de pós-graduação e membros da equipe, um componente importante do projeto será o apoio para estabelecimento e fortalecimento de parcerias nacionais e internacionais, incluindo a organização de seminários com pesquisadores de outros países. Envolverá também a realização de oficinas de trabalho com estudantes de graduação indígena e lideranças indígenas voltadas para discutir os rumos das políticas de saúde para as populações indígenas no Brasil.

³⁸ No presente, estou envolvido em quatro outros projetos editoriais derivados de eventos em cuja organização atuei em anos recentes: *Cold War Indigeneity in Science and Medicine*, organizado em parceria com Joanna Radin e Ned Backhawk, da *Yale University*, e Veronika Lipphardt, do *Max Plank Institute for the History of Science*, realizado em New Haven em setembro de 2015; *Populations of Cognition: Interconnected Histories of Human Variation in Latin America*, organizado em parceria com Edna Suárez Díaz, Vivette García-Deister e Fabrizio Guerrero McManus, da *Universidad Nacional Autónoma de México*, e Alexandra Minna Stern, da *University of Michigan*, realizado na *Universidad Nacional Autónoma de México* em dezembro de 2015; *Racial Conceptions in the Twentieth-century: Comparisons, Connections and Circulations in the Portuguese-speaking Global South*, organizado em parceria com Warwick Anderson, da *University of Sydney*, Austrália, e Ricardo Roque, da Universidade de Lisboa, realizado no Rio de Janeiro em abril de 2016.

Indaguei-me muito acerca de como terminar este memorial que, na resolução divulgada pela UFRJ, deve ser “composto por descrição da trajetória do docente em atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante e apresentação de conferência pública sobre aspectos técnico-científicos, artísticos ou culturais relacionados à sua atuação profissional” (Resolução 08/2014 - UFRJ). Concluí que uma possibilidade seria fazer referência a um outro fim que foi, em essência, um começo.

Estou me referindo ao memorial que apresentei para concorrer à vaga de professor adjunto no SABMN, que data de março de 1992. É um texto curto, com 15 páginas em espaço duplo, em tom predominantemente técnico-burocrático, em terceira pessoa (povoado por construções como “O candidato publicou...”, “O candidato foi recentemente convidado...”). Os olhos do homem de 52 anos passeiam pelas linhas redigidas pelo de 28 anos com estranhamento, quase como se fossem de outrem.

Transcrevo abaixo alguns trechos das três últimas páginas do memorial de 1992, nas quais “são apresentadas algumas considerações finais sobre a visão do candidato em relação ao desenvolvimento da antropologia biológica no país”:

“Ainda são poucos os centros de formação e pesquisa em antropologia biológica no Brasil... A pesquisa bioantropológica no Brasil tem contemplado diversos aspectos da disciplina, incluindo aquelas linhas de investigação com populações contemporâneas e esqueletais... Vale ressaltar que, paradoxalmente, grande parte do conhecimento bioantropológico produzido no país, ainda que não absolutamente em sua totalidade, tem sido oriundo de pesquisas conduzidas fora dos departamentos de antropologia. Diante deste quadro, são necessários esforços em duas direções. Primeiro, ampliar as possibilidades de capacitação teórico-metodológica na formação e pesquisa bioantropológica no país; segundo, manter e expandir os programas, ainda que sabidamente poucos, de bioantropologia sediados nos Departamentos de Antropologia das universidades do país.

O Museu Nacional é o centro de pesquisa mais antigo em antropologia física do Brasil... Aliado a isso, conta com importante acervo de coleções e

material bibliográfico fundamentais no desenvolvimento de projetos de pesquisa e capacitação acadêmica em antropologia biológica. Ao contrário da maioria das instituições brasileiras, o Museu Nacional oferece a possibilidade de interação entre bioantropologia, linguística, antropologia sociocultural e arqueologia... A experiência de pós-graduação do candidato em um departamento onde tal integração efetivamente ocorre o leva a crer que a existência das diversas subáreas da antropologia em uma mesma instituição tem o potencial de propiciar um desenvolvimento mais integrado do conhecimento antropológico. O Museu Nacional é, portanto, um espaço tradicional de produção científica e desenvolvimento da antropologia biológica no Brasil sob as mais diversas perspectivas. Parte daí o interesse do candidato em se afiliar profissionalmente a essa instituição” (Santos 1992: 13-15).

A partir de meu relato neste memorial, e tomando aquele de 1992 como referência de um passado (não) tão distante, minha sensação é que muito se construiu, ao mesmo tempo que várias iniciativas não se concretizaram e tantas outras situações (felizmente) surgiram ao longo do percurso. Sobretudo, minha impressão é que diversas portas se abriram e continuam a se abrir. “Noves fora”, ecoa a certeza de que as quase duas décadas e meia de experiência pessoal e profissional no Departamento de Antropologia do Museu Nacional foram para mim profundamente instigantes e desafiadoras. Neste momento de buscar sistematizar não somente as formas mais explícitas, como também as “marcas de unha” de minhas memórias, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, delas fizeram (e continuam a fazer) parte.

Referências citadas

ABREU, R.M.R.M. *O Enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Rocco/Funarte, 1998.

ANDERSON, I.; ROBSON, B.; CONNOLLY, M.; AL-YAMAN, F.; BJERTNESS, E.; KING, A.; TYNAN, M.; MADDEN, R.; BANG, A.; COIMBRA JR., C.E.A. A; PESANTES, M.A.; *et al.* Indigenous and tribal peoples' health (The Lancet-Lowitja Institute Global Collaboration): a population study. *The Lancet*, 388:131-157, 2016.

BASTA, P.C.; COIMBRA JR., C.E.A.; ESCOBAR, A.L.; SANTOS, R.V. Aspectos epidemiológicos da tuberculose na população indígena Suruí, Amazônia, Brasil. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 37(4):338-342, 2004.

BASTA, P.C.; COIMBRA JR., C.E.A.; SANTOS, R.V.; ESCOBAR, A.L.; ALVES, L.C.C.; FONSECA, L.S. Survey for tuberculosis in an indigenous population of Amazonia: the Suruí of Rondônia, Brazil. *Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene*, 100(6):579-585, 2006.

BASTOS, J.L.; DUMITH, S.C.; SANTOS, R.V.; BARROS, A.J.D.; DEL DUCA, G.F.; GONÇALVES, H.; NUNES, A.P. Does the way I see you affect the way I see myself? Associations between interviewers' and interviewees' "color/race" in southern Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(10):2111-2124, 2009.

BASTOS, M.Q.R.; SOUZA, S.M.F.M.; SANTOS, R.V.; COOK, D.C.; RODRIGUES-CARVALHO, C.; SANTOS, R.V. Da África ao cemitério os pretos novos, Rio de Janeiro: um estudo sobre as origens de escravos a partir da análise de isótopos de estrôncio no esmalte dentário. *Revista de Arqueologia*, 24(1):66-81, 2011a.

BASTOS, M.Q.R.; SOUZA, S.M.F.M.; SANTOS, R.V.; LIMA, B.A.F.; SANTOS, R.V.; RODRIGUES-CARVALHO, C. Human mobility on the Brazilian coast: an analysis of strontium isotopes in archaeological human remains from Forte Marechal Luz Sambaqui. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 83(2):731-743, 2011b.

BASTOS, M.Q.R.; SANTOS, R.V.; MENDONÇA DE SOUZA, S.M.F.; RODRIGUES-CARVALHO, C. TYKOT, R.H.; COOK, D.C.; SANTOS, R.V. Isotopic study of geographic origins and diet of enslaved Africans buried in two Brazilian cemeteries. *Journal of Archaeological Science*, 70: 82-90, 2016.

BORGES, M.C.; BUFFARINI, R.; SANTOS, R.V.; CARDOSO, A.M.; WELCH, J.R.; GARNELO, L.; COIMBRA JR., C.E.A.; HORTA, B. Anemia among indigenous women in Brazil: findings from the First National Survey of Indigenous People's Health and Nutrition. *BMC Women'S Health*, 16: 7, 2015.

BURKE, P.& PALLARES-BURKE, M.L. *Gilberto Freyre: Social Theory in the Tropics*. Oxford: Peter Lang, 2008.

CALDAS, A.L.; SANTOS, R.V.; VALENTE, J.; BORGES, G.M.; PORTELA, M.; MARINHO, G.L. Mortalidade infantil segundo cor ou raça a partir do Censo Demográfico 2010 e dos Sistemas Nacionais de Informação em Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, em publicação, 2016.

CARDOSO, A.M.; HORTA, B.L.; SANTOS, R.V.; ESCOBAR, A.L.; WELCH, J.R.; COIMBRA, C.E.A. Prevalence of pneumonia and associated factors among indigenous children in Brazil: results from the First National Survey of Indigenous People's Health and Nutrition. *International Health* 7: 412-419, 2015.

CASTRO-FARIA, L. Pesquisas de antropologia física no Brasil. *Boletim do Museu Nacional* 13:1-106, 1952.

COIMBRA JR., C.E.A.; SANTOS, R.V. Ética e pesquisa biomédica em populações indígenas. *Cadernos de Saúde Pública*, 12(3):417-422, 1996.

COIMBRA JR., C.E.A.; FLOWERS, N.M.; SALZANO, F. M.; SANTOS, R.V. *The Xavante in Transition: Health, Ecology and Bioanthropology in Central Brazil*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2002.

COIMBRA JR., C.E.A.; SANTOS, R.V.; ESCOBAR, A.L. (Orgs.) *Epidemiologia e Saúde dos Povos Indígenas no Brasil*, pp. 260. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz & ABRASCO, 2003.

COIMBRA JR., C.E.A.; SANTOS, R.V.; WELCH, J.R.; CARDOSO, A.M.; SOUZA, M.C.; GARNELO, L.; RASSI, E.; FOLLÉR, MAJ-LIS; HORTA, B.L. The First National Survey of Indigenous People's Health and Nutrition in Brazil: rationale, methodology, and overview of results. *BMC Public Health*, 13(52):1-19, 2013.

COOK, D.C.; BASTOS, M.Q.R.; LOPES, C.; MENDONÇA DE SOUZA, S.; SANTOS, R.V. Pretos Novos: evidence for African oral hygiene practices in Brazil, 1769-1830. *International Journal of Osteoarchaeology*, 25:238-244, 2015.

DENT, R.; SANTOS, R.V. "An immense mosaic": Race-mixing and creating the genetic nation in 1960s Brazil. Trabalho apresentado no seminário "Racial Conceptions in the Twentieth-Century: Comparisons, Connections and Circulations in the Portuguese-speaking Global South", Rio de Janeiro, 5-7 de abril, 2016a.

DENT, R.; SANTOS, R.V. "An unusual and fast disappearing opportunity": Infectious disease, indigenous populations, and new biomedical knowledge in Amazonia, 1960-1970. *Perspectives on Science* (submetido), 2016b.

ESCOBAR, A.L.; COIMBRA JR., C.E.A.; CAMACHO, L.A.B.; SANTOS, R.V. Tuberculin reactivity and tuberculosis epidemiology in the Pakaánova (Wari') Indians of Rondônia, Southwestern Brazilian Amazon. *The International Journal of Tuberculosis and Lung Disease*, 8(1):45-51, 2004.

ESCOBAR, A.L.; COIMBRA JR., C.E.A.; WELCH, J.R.; HORTA, B.L.; SANTOS, R.V.; CARDOSO, A.M. Diarrhea and health inequity among Indigenous children in Brazil: results from the First National Survey of Indigenous People's Health and Nutrition. *BMC Public Health*, 15(1), 2015.

FRY, P.; MAGGIE, Y.; MAIO, M.C.; MONTEIRO, S.; SANTOS, R.V. (Orgs.) *Divisões Perigosas: Políticas Raciais no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GASPAR NETO, V.V.; SANTOS, R.V. A cor dos ossos: narrativas científicas e apropriações culturais sobre "Luzia", um crânio pré-histórico do Brasil. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 15(2):449-480, 2009.

GASPAR NETO, V.V.; SANTOS, R.V. Biorrevelações: testes de ancestralidade genética em perspectiva antropológica comparada. *Horizontes Antropológicos*, 17(35):197-226, 2011.

GIBBON, S.; SANTOS, R.V.; SANS, M. (Orgs.) *Racial Identities, Genetic Ancestry and*

Health in South America: Argentina, Brazil, Colombia, and Uruguay. New York: Palgrave MacMillan, 2011.

GOODMAN, A.H.; LEATHERMAN, T.L. (Orgs.). *Building a New Biocultural Synthesis: Political-Economic Perspectives on Human Biology*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1998.

HEDGECOE, A.; WADE, P.; BELTRÁN, C.L.; SANTOS, R.V. *Genomic research, publics and experts in Latin America—nation, race and body* (Special Issue of Social Studies of Science), 2015.

HORTA, B.L.; SANTOS, R.V.; WELCH, J.R.; CARDOSO, A.M.; CARDOSO, A.M.; SANTOS, J.V.; ASSIS, A.M.; LIRA, P.I.C; COIMBRA JR., C.E.A. Nutritional status of indigenous children: findings from the First National Survey of Indigenous People's Health and Nutrition in Brazil. *International Journal for Equity in Health*, 12:23, 2013.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Tendências Demográficas: Uma Análise dos Indígenas com Base nos Resultados da Amostra dos Censos Demográficos 1991 e 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

KENT, M.; SANTOS, R.V. “Os charruas vivem” nos Gaúchos: a vida social de uma pesquisa de “resgate” genético de uma etnia indígena extinta no Sul do Brasil. *Horizontes Antropológicos*, 18(37):341-372, 2012.

KENT, M.; SANTOS, R.V. 'The Charrua are Alive': The genetic resurrection of an extinct indigenous population in Southern Brazil. In: *Mestizo Genomics: Race Mixture, Nation, and Science in Latin America*, organizado por Peter Wade; Carlos López Beltrán; Eduardo Restrepo & Ricardo Ventura Santos, pp. 109-133. Durham: Duke University Press, 2014.

KENT, M.; SANTOS, R.V.; WADE, P. Negotiating imagined genetic communities: unity and diversity in Brazilian Science and Society. *American Anthropologist*, 116(4):736-748, 2014.

KENT, M.; GARCIA-DEISTE, V.; LOPEZ-BELTRAN, C.; SANTOS, R.V.; SCHWARTZ-MARIN, E.; WADE, P. Building the genomic nation: 'Homo Brasilis' and the 'Genoma Mexicano' in comparative cultural perspective. *Social Studies of Science*, 45(6):838-86, 2015.

KRIEGER, H.; MORTON, N.E.; MI, M.P.; AZEVEDO, E.; FREIRE-MAIA, A.; YASUDA, N. Racial admixture in northeastern Brazil. *Annals of Human Genetics*, 29(2):113–125, 1965.

LEITE, M.S; CARDOSO, A.M.; COIMBRA JR., C.E.A; WELCH, J.R.; GUGELMIN, S.A.; LIRA, P.I.C.; SANTOS, R.V.; HORTA, B.L.; ESCOBAR, A.L. Prevalence of anemia and associated factors among indigenous children in Brazil: results from the First National Survey of Indigenous People's Health and Nutrition. *Nutrition Journal*, 12:69, 2013.

LIMA, N.T.; KROPF, S.; SANTOS, R.V. *Brasil Ser Tão Canudos*. Fascículo temático do periódico "*História, Ciências, Saúde - Manguinhos*", 1998.

LIMA, N.T.; SANTOS, R.V.; COIMBRA JR., C.E.A. Introdução à Rondônia de Edgard Roquette-Pinto. In: *Rondonia: Anthropologia - Ethnografia, por Edgard Roquette-Pinto*, 7ª. edição, pp.25-39. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz e Academia Brasileira de Letras, 2005.

LINDEE, S. James Van Gundia Neel (1915–2000). *American Anthropologist*, 103(2):502–505, 2001.

LINDEE, S. Voices of the dead: James Neel's Amerindian studies. In: *Lost Paradises and the Ethics of Research and Publication*. Francisco M. Salzano & A. Magdalena Hurtado, Orgs. Pp. 27–48. Oxford: Oxford University Press, 2004.

LINDEE, S. Neel, James Van Gundia. In: *Complete Dictionary of Scientific Biography*, Vol. 23. Pp. 241–246. Detroit: Charles Scribner's Sons, 2008.

LINDEE, M.S.; SANTOS, R.V. *The Biological Anthropology of Living Human Populations: World Histories, National Styles, and International Networks* (Special Issue of *Current Anthropology*) (Wenner-Gren Symposium Supplement 5). Chicago: University of Chicago Press, 2012a.

LINDEE, S.; SANTOS, R.V. The biological anthropology of living human populations: world histories, national styles, and international networks. *Current Anthropology*, 53(S5):3-16, 2012b.

MAIO, M.C.; SANTOS, R.V. (Orgs.) *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

MAIO, M.C.; SANTOS, R.V. Políticas de cotas raciais, os olhos da sociedade e os usos da antropologia: o caso do vestibular da Universidade de Brasília (UnB). *Horizontes Antropológicos*, 11(23):181-214, 2004.

MAIO, M.C.; SANTOS, R.V. (Orgs.) *Raça, Genética, Identidades e Saúde*. Dossiê temático de *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 2005.

MAIO, M.C.; SANTOS, R.V. (Orgs.) *Raça como Questão: História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

MAIO, M.C.; SANTOS, R.V. Antiracism and the uses of science in the post-World War II: An analysis of UNESCO's first statements on race (1950 and 1951). *Vibrant*, 12(2):1-26, 2015.

MAIO, M.C.; GONÇALVES, A.S.; SANTOS, R.V. Entre o laboratório de antropometria e a escola: a antropologia física de José Bastos de Ávila nas décadas de 1920 e 1930. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 7(3):671-686, 2012.

MARINHO, G.L.; SANTOS, R.V.; PEREIRA, N.O.M. Classificação dos domicílios

"indígenas" no Censo Demográfico 2000: subsídios para a análise de condições de saúde. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 28(2):449-466, 2011.

MAYBURY-LEWIS, D. *Akwe Xavante Society*. Oxford: Oxford University Press, 1967.

MAYBURY-LEWIS, D. *Millennium: Tribal Wisdom and the Modern World*. New York: Viking, 1992.

MENDONÇA DE SOUZA, S.; COOK, D. C.; BASTOS, M.Q.; SANTOS, R.V. Cemitério dos pretos novos: técnicas modernas ajudam a compreender questões da escravidão. *Ciência Hoje*, 291(22), 2012.

PAGLIARO, H.; AZEVEDO, M.; SANTOS, R.V. (Orgs.) *Demografia dos Povos Indígenas no Brasil*, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz & Associação Brasileira de Estudos Populacionais/ ABEP, 2005.

PALLARES-BURKE, M.L. *Gilberto Freyre: Um Vitoriano nos Trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

PEREIRA, N.O.M.; BRITO, J.A.M.; ALBIERI, S.; DIAS, A.J.R.; SANTOS, R.V. Como tratar os dados da amostra do Censo Demográfico 2000 na obtenção de estimativas para os. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 26(2):183-195, 2009a.

PEREIRA, N.O.M.; SANTOS, R.V.; WELCH, J.R.; SOUZA, L.G.; COIMBRA JR., C.E.A. Demography, territory, and identity of indigenous peoples in Brazil: the Xavante Indians and the 2000 Brazilian National Census. *Human Organization*, 68(2):166-180, 2009b.

PEREIRA, N.O.M.; SANTOS, R.V. WELCH, J.R.; SOUZA, L.G.; COIMBRA Jr., C.E.A. Demografia, território e identidades: os Xavante e o Censo Demográfico de 2000. In: *Antropologia e história Xavante em perspectiva*, organizado por Carlos E. A. Coimbra Jr & James R. Welch, pp.181-199. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2014.

RIBEIRO, G.L.; ESCOBAR, A. (Orgs.) *World Anthropologies: Disciplinary Transformations within Systems of Power*. Oxford: Berg, 2006.

SÁ, G.J.S.; SANTOS, R.V.; RODRIGUES-CARVALHO, C.; SILVA, E.C. Crânios, corpos e medidas: a constituição do acervo de instrumentos antropométricos do Museu Nacional na passagem do século XIX para o XX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 15(1):197-208, 2008.

SALZANO, F.M; FREIRE-MAIA, N. *Populações Brasileiras: Aspectos Demográficos, Genéticos e Antropológicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

SALZANO, F.M. Interdisciplinary approaches to the human biology of South Amerindians. *Human Biology*, 63:875-882, 1991.

SALZANO, F.M. James V. Neel and Latin America—Or how scientific collaboration should be conducted. *Genetics and Molecular Biology*, 23:557-561, 2000.

SANTOS, R.V. *Coping with Change in Native Amazonia: A Bioanthropological Study of the Gavião, Suruí and Zoró, Tupí-Mondé Speaking Societies from Brazil*. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, Indiana University, 1991.

SANTOS, R.V. Memorial apresentado por Ricardo Ventura Santos para concorrer à vaga de Professor Adjunto no Setor de Antropologia Biológica, Departamento de Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

SANTOS, R.V. Da morfologia às moléculas, de raça à população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX In: *Raça, Ciência e Sociedade*, organizado por Marcos Chor Maio & Ricardo Ventura Santos, pp. 125-140. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

SANTOS, R.V. A obra de Euclides da Cunha e os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século XX: Os Sertões e a medicina-antropologia do Museu Nacional. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 5:237-254, 1998.

SANTOS, R.V. Bioética, antropologia biológica y poblaciones indígenas amazónicas. *Estudios de Antropología Biológica*, 9:13-26, 1999

SANTOS, R.V. Indigenous peoples, postcolonial contexts and genomic research in the late 20th century: A view from Amazonia (1960--2000). *Critique of Anthropology*, 22(1):81-104, 2002.

SANTOS, R.V. Indigenous peoples, changing social and political landscapes and genetic/genomic research in Amazonia in the late 20th century. In: *Genetic Nature/ Culture: Anthropology and Science Beyond the Two-Culture Divide*, organizado por Alan H. Goodman; Deborah Heath & Susan Lindee, pp. 23-40. Berkeley: University of California Press, 2003.

SANTOS, R.V. Indigenous peoples, bioanthropological research, and ethics in Brazil: issues in participation and consent. In: *The Nature of Difference: Science, Society and Human Biology*, organizado por George Ellison & Alan H. Goodman. pp. 181-202. London: Taylor & Francis Books, 2006.

SANTOS, R.V. Intelectualmente “impuros e maculados”: Reflexões sobre a formação em antropologia biológica no diálogo com outros campos da antropologia. *Amazônica: Revista de Antropologia*, 3:10-31, 2011.

SANTOS, R.V. Guardian angel on a nation's path: contexts and trajectories of physical anthropology in Brazil in the late nineteenth and early twentieth centuries. *Current Anthropology*, 53(S5):17-32, 2012.

SANTOS, R.V. “Why did they die?”: Debates on the causes of high mortality in Amazonian indigenous populations in Cold War Brazil. Trabalho apresentado no seminário “Populations of Cognition: Interconnected Histories of Human Variation in Latin America”, realizado na Universidad Nacional Autonoma de Mexico, December 2-4, 2015.

SANTOS, R.V.; COIMBRA JR., C.E.A. Sangue, bioética e populações indígenas. *Parabólicas (Instituto Socioambiental, São Paulo)*, no. 20, ano 3, p. 7, 1996.

SANTOS, R.V.; COIMBRA JR., C.E.A. (Orgs.) *Saúde e Povos Indígenas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

SANTOS, R.V.; COIMBRA JR., C.E.A. On the (un)natural history of the Tupí-Mondé Indians: bioanthropology and change in the Brazilian Amazon. In: *Building a New Biocultural Synthesis: Political-Economic Perspectives on Human Biology*, organizado por Alan H. Goodman & Thomas L. Leatherman, pp. 269-294. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1998.

SANTOS, R.V.; COIMBRA JR., C.E.A. Hardships of contact: enamel hypoplasias in Tupí-Mondé Amerindians from the Brazilian Amazonia. *American Journal of Physical Anthropology*, 109(1):111-127, 1999.

SANTOS, R.V.; ESCOBAR, A.L. *Saúde dos Povos Indígenas no Brasil: Perspectivas Atuais*. Rio de Janeiro: Fascículo temático do periódico *Cadernos de Saúde Pública*, 2001.

SANTOS, R.V.; MAIO, M.C. Injetando sangue no moribundo mito da democracia racial? Genética, relações raciais e política no Brasil contemporâneo. In: *Homo Brasilis: Aspectos Genéticos, Lingüísticos, Históricos e Sócio-Culturais da Formação do Povo Brasileiro*, organizado por Sérgio Danilo Pena, pp. 175-192. Ribeirão Preto: Editora Funpec, 2002.

SANTOS, R.V.; MAIO, M.C. Qual retrato do Brasil? Raça, biologia, identidades e política na era da genômica. *Mana*, 10(1):61-95, 2004a.

SANTOS, R.V.; MAIO, M.C. Race, genomics, identity and politics in contemporary Brazil. *Critique of Anthropology*, 24:347-378, 2004b.

SANTOS, R.V.; MAIO, M.C. Antropologia, raça e os dilemas das identidades na era da genômica. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 12(2):447-468, 2005.

SANTOS, R.V.; MELLO E SILVA, M.C.S. *Inventário Analítico do Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Série Livros - Museu Nacional/ UFRJ, 2006.

SANTOS, R.V.; SOARES, P.P.; MAIO, M.C.; LIMA, N.V.T. *Antropologia Física no Brasil na Virada do Século*. Projeto de Exposição apresentado ao Centro Cultural Banco do Brasil. Rio de Janeiro: Museu Nacional e Casa de Oswaldo Cruz, 1994.

SANTOS, R.V.; FRY, P.; MONTEIRO, S.; MAIO, M.C.; RODRIGUES, J. C.; BASTOS-RODRIGUES, L.; PENA, S. D. Color, race, and genomic ancestry in Brazil: dialogues between anthropology and genetics. *Current Anthropology*, 50(6):787-819, 2009.

SANTOS, R.V.; GIBBON, S.; BELTRÃO, J. (Orgs.) *Identidades Emergentes, Genética e Saúde: Perspectivas Antropológicas*. Rio de Janeiro: Editora Garamond & Editora Fiocruz, 2012.

SANTOS, R.V.; COIMBRA JR., C.E.A.; WELCH, J.R. A half-century portrait: health transition in the Xavante Indians from Central Brazil. In: *Human-Environment Interactions: Current and Future Directions*, organizado por Eduardo Brondízio & Emilio Moran, pp. 29-52. New York: Springer, 2013.

SANTOS, R.V.; LINDEE, M.S.; SOUZA, S. Varieties of the primitive: human biological diversity studies in Cold War Brazil (1962-1970). *American Anthropologist*, 116(4):723-735, 2014a.

SANTOS, R.V.; DA SILVA, G.O.; GIBBON, S. Pharmacogenomics, human genetic diversity and the incorporation and rejection of color/race in Brazil. *Biosocieties*, 10:48-69, 2014b.

SANTOS, R.V.; KENT, M.; GASPAR-NETO, V.V. From degeneration to meeting point: historical views on race, mixture, and the biological diversity of the Brazilian population. In: *Mestizo Genomics: Race Mixture, Nation, and Science in Latin America*, organizado por Peter Wade; Carlos López Beltrán; Eduardo Restrep & Ricardo Ventura Santos, pp. 33-54. Durham: Duke University Press, 2014c.

SANTOS, R.V.; BASTOS, J.L.; CRUZ, O.G.; LONGO, L.A.F.B.; FLOWERS, N.M.; PEREIRA, N.O.M. Parity of indigenous and non-indigenous women in Brazil: does the reported number of children born depend upon who answers National Census questions?. *Plos One*, 10, 2015.

SNOW, C.P. *The Two Cultures and the Scientific Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 1959.

SOUZA, S.; SANTOS, R.V. *Corpos, Medidas e Nação: Antropologia Física na Capital da República Brasileira na Primeira Metade do século XX* (Dossiê temático do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012a.

SOUZA, S.; SANTOS, R.V. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 7:745-760, 2012b.

SOUZA, S.; SANTOS, R.V. The emergence of human population genetics and narratives about the formation of the Brazilian nation (1950-1960). *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, 47:97-107, 2014.

SOUZA, S.; SANTOS, R.V.; COELHO, M.C.S.; HANNESCH, O; RODRIGUES-CARVALHO, C. Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional: fontes para a história da eugenia no Brasil. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 16(3):764-777, 2009.

SOUZA, S.; COIMBRA Jr., C.E.A.; DORNELLES, R. C.; SANTOS, R.V. História da

genética no Brasil: um olhar a partir do Museu da Genética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 20(2):675-694, 2013.

SOUZA-SANTOS, R.; OLIVEIRA, M.G.; ESCOBAR, A.L.; SANTOS, R.V.; COIMBRA JR., C.E.A. Spatial heterogeneity of malaria in Indian reserves of Southwestern Amazonia, Brazil. *International Journal of Health Geographics*, 7(55), 2008.

TEIXEIRA, C.; GARNELO L. (Orgs.) *Saúde Indígena em Perspectiva: Explorando suas Matrizes Históricas e Ideológicas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014.

TURDA, M.; GILLETTE, A. *Latin Eugenics in Comparative Perspective*. London: Bloomsbury Academic, 2014.

VIMIEIRO-GOMES, A.C. Science, constitutional medicine and national bodily identity in Brazilian biotypology during the 1930s. *Social History of Medicine*, v. 29, 2016.

WADE, P.; LOPEZ-BELTRAN, C.; RESTREPO, E.; SANTOS, R.V. Genomic research, publics and experts in Latin America: Nation, race and body. *Social Studies of Science*, 45(6):775-796, 2015.

WADE, P.; LOPES-BELTRAN, C.; RESTREPO, E.; SANTOS, R.V. (Orgs.) *Mestizo Genomics: Race Mixture, Nation, and Science in Latin America*, ed. 1, pp. 336. Durham: Duke University Press, 2014.

WELCH, J.R.; SANTOS, R.V.; FLOWERS, N.M.; COIMBRA JR., C.E.A. *Na Primeira Margem do Rio: Território e Ecologia do Povo Xavante de Wedezé*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2013.

WOLF, E. *Europe and the People Without History*. Berkeley: University of California Press, 1992.